

Sumário dos Ecos março-abril de 2008

Sumário

Vida espiritual

- 74 Carta de 14 de março de 2008
Padre Grégory Gay, Superior geral
- 75 Notícias de família: Carta de 14 de março de 2008
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 78 Reflexão para as próximas Assembléias Provinciais
Padre Javier Alvarez, Diretor geral
- 91 A formação de uma Serva dos pobres ao profetismo
Irmã Julma Neo, Conselheira geral

Desafios atuais

- 102 Indicações para discernir: “De um modelo de modernidade a outro”
Padre Joseph-Marie Verlinde, Fraternidade Monástica da Família de São José

Atualidade das Províncias

Visita dos Superiores

- 117 Mère Evelyne Franc e Irmã Wivine Kisu, Conselheira geral: Visita da Província da África Central
As Irmãs da Província

Beatificação de Irmã Marta Wiecka

- 121 Província da Cracóvia: Irmã Marta Wiecka
Beatificada, 24 de maio de 2008 a Lvov na Ucrânia

Testemunho das Irmãs

- 124 Província da Irlanda: Abertura de um Seminário no Quênia
Irmã Catherine Madigan, Filha da Caridade
- 126 Província do Peru: 150º aniversário da chegada do carisma vicentino no Peru
Irmã Mery Sanjinez Bautista, Filha da Caridade
- 129 Província da Suíça-Turca: 30º Encontro europeu dos jovens em Genebra animado pela Comunidade de Taizé: “A peregrinação da confiança”
Irmã Catherine e Irmã Emmanuelle, Filhas da Caridade

História da Companhia

Especial do Centenário de nascimento de Mère Guillemín

- 132 Mère Suzanne Guillemín, Filha de Deus, Filha da Igreja, Superiora geral da Companhia VIII – Continuação do período pós-conciliar:
“Mère Guillemín a serviço da Igreja”
Irmã Claire Herrmann, Serviço dos Arquivos

PADRE GREGORY GAY, SUPERIOR GERAL

Carta de 14 de março de 2008

À Irmã Evelyne e a todas as Filhas da Caridade
através do mundo

Queridas Irmãs,

Que a graça e a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo encham vossos corações agora e sempre!

Na ocasião da festa de Santa Luísa, gostaria de agradecer as Irmãs pela imitação de Santa Luísa no seu amor pelos Pobres, nossos Senhores e nossos Mestres. Nem a doença, nem as dificuldades não lhe impediram de fazer tudo o que estava ao seu alcance para servir Jesus Cristo nos seus irmãos e irmãs.

Durante minhas viagens pelo mundo e minhas visitas às Filhas da Caridade, observo esta mesma dedicação, esta mesma doação de si mesma, no serviço realizado, às vezes com dificuldade, e este mesmo grande amor que é nosso presente para aqueles a quem servimos.

Que a celebração desta festa aumente em vós o desejo de ter Luísa como vosso modelo em tudo o que realizais, encorajando-vos reciprocamente e levando o Cristo àqueles que encontrais a cada dia.

Vosso Irmão em São Vicente,

G. Gregory **GAY**, C.M.
Superior geral

IRMÃ EVELYNE FRANC, SUPERIORA GERAL

Carta de 14 de março de 2008

A todas as Filhas da Caridade

Minhas queridas Irmãs,

“Peço-vos que supliqueis a Nosso Senhor envie operárias para sua obra, porque não podeis calcular quantos lugares no-las pedem e as poucas que temos”. (Santa Luísa - E. Esp. pág. 570, L. 471)

Feliz dia de Santa Luísa de Marillac! Que sua fé profunda, sua preocupação com os pobres e seu amor por suas Irmãs nos inspirem sempre! Neste ano, peçamos especialmente sua intercessão para apresentar ao Senhor nossa oração pelas vocações.

Irmã Rosalie, Irmã Lindalva, Irmã Giuseppina, para evocar somente nossas Irmãs beatificadas recentemente, são também exemplos e advogadas a nos estimular em nossa própria caminhada e nos obter novas operárias. Eu vi por ocasião de minhas recentes visitas ao Peru, à Bolívia e ao Egito, como as crianças, os adolescentes e os jovens das Escolas e dos Movimentos que nós animamos ficam fascinados e interpelados pelo relato de suas vidas.

A Companhia se prepara na alegria para outra beatificação, a de Irmã Marta Wiecka. Lembro-lhes que ela nasceu em Nowy Wiec na Polônia em 1874, entrou na Companhia em 1892 na Província de Cracóvia, em seguida, cuidou dos doentes em Lvov, Podhajce, Bochnia e Sniatyn (algumas destas cidades situadas na Ucrânia atualmente) onde morreu em 1904 aos trinta anos. Ela nos deixa, como Margarida Naseau, um exemplo de dedicação no serviço corporal e espiritual dos doentes. Seus doze anos vividos na Companhia foram marcados por seu serviço competente nos hospitais e seus dons em benefício do que chamamos hoje a Pastoral da Saúde.

Irmã Marta será beatificada no próximo dia 24 de maio, em Lvov (cidade onde ela viveu e serviu os pobres no hospital, mas onde hoje não temos Comunidade) pelo Cardeal Tarcísio Bertone, Secretário de Estado do Santo Padre, na presença do Cardeal Marian Jaworski, Arcebispo de Lvov. Muitas Irmãs polonesas e de outros países eslavos participarão desta beatificação, assim como também duas Irmãs de cada Província da Europa. O Padre Gregory, nosso Superior geral, o Padre Javier, nosso Diretor geral, todos os membros do Conselho geral e eu mesma representaremos a Companhia a nível internacional. Evidentemente, o Padre McCullen, Padre Maloney e Padre Quintano, Mère Duzan e Mère Elizondo também fazem parte dos convidados.

No dia seguinte, 25 de maio, nós nos deslocaremos a Sniatyn (cidade onde Irmã Marta faleceu e onde temos uma Comunidade atualmente) para uma celebração de Ação de Graças. Esta beatificação na Ucrânia se reveste de um caráter particular, pois acontece num país que viveu um longo período de perseguição religiosa e que agora desperta depois de anos de ateísmo militante, a uma certa liberdade religiosa. É bom também notar que os ortodoxos são maioria entre os cristãos e que na base as relações ecumênicas são de qualidade. Rezemos para que nossa futura bem-aventurada nos obtenha vocações e uma colaboração ainda mais frutuosa com nossos irmãos e irmãs ortodoxos, para um melhor serviço dos pobres.

Nesta curta carta de família, eu gostaria de mais uma vez confiar-lhes as Irmãs e os pobres de várias Províncias atingidas por catástrofes climáticas ou acontecimentos políticos. Bem recentemente, terríveis inundações devastaram várias regiões de Madagascar, da Bolívia, do Equador e nossas Irmãs se mobilizaram para enviar-lhes auxílio e víveres. Todas também sabem que dissensões políticas sérias atingem a vida quotidiana dos habitantes de várias zonas da Colômbia; além disso, algumas Irmãs têm membros de suas famílias nas mãos das Farc. Lembrolhes igualmente que nossas Irmãs da Eritréia também precisam de nossas orações, sendo o seu maior sofrimento o de não poder socorrer os pobres como desejariam. Irmã Wivine Kisu pôde fazer-lhes uma visita recentemente e foi testemunha da vida difícil e inteiramente doada que elas têm. Os episódios violentos que tumultuaram o Quênia, Chade e Camarões parecem se acalmar, graças a Deus, mas o caminho da reconciliação é íngreme. No Oriente Médio, o conflito político continua com conseqüências econômicas desastrosas que penalizam os mais desfavorecidos e ameaçam o futuro dos cristãos. A esta lista já bem longa, acrescento ainda a Argélia onde a liberdade de ação dos Padres, das Irmãs e dos Pastores foi recentemente reduzida.

Apresentemos todas estas intenções ao nosso Pai do Céu com o mesmo fervor de Santa Luísa e de São José; em seguida, abordemos o mistério da Paixão e da Ressurreição, núcleo de nossa fé, colocando nossos passos nos de Cristo, Ele que sofreu por nós. É em sua vitória sobre a morte, o pecado, a injustiça, o sofrimento e a violência que encontramos a força para amar e servir. Felizes festas de Santa Luísa, São José, alegre Aleluia e santa Renovação!

Com a certeza de minha oração e de meu afetuoso devotamento,

Irmã Evelyne FRANC
Filha da Caridade

PADRE J. ALVAREZ, DIRETOR GERAL

REFLEXÕES PARA AS PRÓXIMAS ASSEMBLÉIAS PROVINCIAIS

A ASSEMBLÉIA PROVINCIAL

A Assembléia provincial, como toda Assembléia, é um acontecimento eclesial que faz parte da vida da Igreja, embora esta se realize sem nenhuma publicidade e a Companhia desfrute da isenção. A prova é que o artigo 1 das Constituições nos diz que a Companhia não tem sentido fora da Igreja, ela é uma parcela desta e, evidentemente, está a seu serviço, segundo o carisma de seus Fundadores. O fato de situar bem a Companhia em seu aspecto eclesiológico significa que a Assembléia provincial deverá acontecer com base numa consciência eclesial, isto é, sentindo-se parte da Igreja numa atitude de fidelidade sincera para com ela. Penso que é importante que a Assembléia tenha consciência de sua pertença à Igreja para poder situar as reflexões sobre o carisma vicentino no amplo cenário da sociedade onde a Província se encontra. Um horizonte mais amplo fará escapar do perigo de se deixar prender pelas margens estreitas dos problemas domésticos. É bom, saudável, necessário e desejável abrir as janelas e olhar abertamente as preocupações e as esperanças da Igreja e do mundo, deixando-se tocar por seus verdadeiros problemas. É nesta perspectiva que deveremos tratar e discernir todas as questões quer sejam gerais ou provinciais.

1. Seu objetivo

O artigo 84 nos apresenta o objetivo das Assembléias na Companhia: “*avaliar e promover a fidelidade ao carisma próprio e a vitalidade apostólica*”. A palavra “*avaliar*” nos convida a olhar para trás para considerar e apreciar o serviço realizado bem como o grau de fidelidade à vocação vicentina. O período de seis anos é um espaço de tempo suficiente para interrogarem-se si têm vivido e trabalhado em conformidade com a vontade de Deus e as necessidades dos pobres. Uma avaliação é algo importante. Mas, apesar de tudo, as Assembléias não podem debruçar-se unicamente sobre o passado, é necessário também olhar rumo ao futuro para “*promover*” a fidelidade dinâmica à vocação vicentina. Por conseqüência, na Companhia as Assembléias devem se realizadas no contexto destas duas facetas (o passado e o futuro). “*Avaliar e promover*” são os dois estandartes que devem presidir todas as reflexões e intervenções que acontecerão nas Assembléias.

O artigo 86 enumera os assuntos que devem ser tratados na Assembléia provincial: eleição de delegadas e suplentes para a Assembléia geral, proposição de nomes para o ofício de Conselheira geral. A Assembléia provincial estuda também o tema proposto para a Assembléia geral e formula as Proposições e Postulados que deseja enviar à Assembléia geral, à Superiora geral e seu Conselho ou à Visitadora e seu Conselho. É óbvio que é o melhor momento para estudar e tratar os assuntos provinciais. Este mesmo artigo 86e termina recordando que a Assembléia provincial “*é consultiva, informativa, mas não legislativa*”. Isto significa, entre outros, que a Assembléia provincial não pode impor suas decisões ao governo provincial. No entanto, convém que a autoridade provincial assuma as decisões e as proposições da Assembléia, se não houver motivo de opor-se a estas. É um princípio elementar de governo.

Por que realizar Assembléias a cada 6 anos? Vivemos numa época de mudanças culturais, sociais e religiosas rápidas e profundas que atingem todas as Instituições. É necessário que a Companhia pare para refletir e discernir qual é a influência destas mudanças sobre ela. A partir disto, a Província poderá formular uma resposta. As Assembléias serão, pois, sempre diferentes, não só por causa do tema proposto, mas também porque a realidade é diferente: há situações novas que exigem reflexão. Desta reflexão deverão surgir pontos de insistência e compromissos novos. Esta é a dinâmica de renovação que se pode e deve esperar das Assembléias.

2. Docilidade ao Espírito Santo

O Diretório da Assembléia provincial indica que a mesma se abrirá com a Missa do Espírito Santo e, já estando na sala, com o “*Veni Creator*”¹. Durante a Assembléia haverá outros momentos em que ele será novamente invocado. Trata-se de colocar toda a Assembléia sob sua assistência para assegurar que o discernimento e as decisões tomadas estão em conformidade com a vontade de Deus. Oxalá que as Assembléias consigam perceber sua assistência com a mesma clareza que os discípulos na Igreja primitiva: “*Na verdade pareceu bem ao Espírito Santo e a nós...*” (At. 15, 28).

O que significa, hoje: colocar-se à escuta de Deus ou experimentar uma docilidade ativa ao Espírito Santo na Assembléia? A docilidade é a atitude própria de uma pessoa que quer aprender e se deixa ensinar. O que Deus quer nos dizer neste momento? O que o Senhor espera da Província? Se estamos bem convictos de que não sabemos tudo e que é necessário discernir o que Deus nos pede, nossa atitude será uma atitude de escuta, de atenção e de compreensão respeitosa para com os outros. A docilidade supõe a ausência de preconceitos num coração puro. Isto significa abertura cordial que evita todas as posições estagnadas e obstinadas. Quando nos deixamos influenciar pelos preconceitos, faltamos com a docilidade necessária para escutar a voz de Deus e descobrir sua vontade; a única coisa que escutamos é o eco de nossas próprias reflexões.

Deus se serve de muitas mediações para nos ensinar o que Ele quer de nós. Para responder a Deus é necessário escutar as Irmãs. Para ouvir a voz de Deus é preciso saber dialogar. Quem se fecha ao diálogo, se fecha também às inspirações do Espírito e não tem mais a garantia de interpretar corretamente a vontade de Deus. Para que servirão os diálogos e os debates da Assembléia provincial se, de antemão, não se aceita a possibilidade de enriquecer-se e até mesmo de mudar sua maneira de pensar confrontando-a com a das outras Irmãs? Cada uma deve sentir-se escutada por todas e cada uma deve escutar todas as outras. Nenhuma voz pode ser deixada de lado por mais fraca ou pobre que pareça.

3. A participação co-responsável

As Assembléias são momentos fortes para impulsionar a co-responsabilidade nos três níveis indicados pelas Assembléias correspondentes: local, provincial e geral. Pelo momento, falamos do nível provincial. Por que as Irmãs devem participar com responsabilidade da Assembléia provincial? Promover “*a fidelidade ao carisma próprio e a vitalidade apostólica*” (C. 84a), é algo que corresponde a todas as Irmãs e não somente aos Superiores e, no caso da Província, a todas as Irmãs que pertencem à mesma. A Assembléia provincial é um meio apropriado que facilita a participação de todas as Irmãs: as delegadas têm uma participação ativa direta; as outras Irmãs participam de uma maneira indireta, isto é, através da reflexão enviada da Assembléia doméstica, através das delegadas de sua Comunidade, rezando e interessando-se pela Assembléia, acolhendo os compromissos assumidos por seus membros. No seio desta Assembléia, se realizará um verdadeiro processo de discernimento que, como já falamos, requer a colaboração e a participação de todas as Irmãs da Província.

O TEMA:

“PROFETISMO E ESPERANÇA, HOJE E POR TODA PARTE”

A partir da “matéria-prima” oferecida pelas Comunidades locais, cada Assembléia provincial buscará seu próprio caminho para aprofundar e concretizar o chamado ao profetismo e à esperança. De minha parte, depois de ter lido a síntese de algumas Províncias, ofereço-lhes uma simples reflexão para ver como o profetismo e a esperança podem atingir as diferentes dimensões da vida das Filhas da Caridade. É apenas uma música de fundo que pode contribuir para criar um clima na Assembléia provincial.

1. O PROFETISMO APLICADO À VIDA ESPIRITUAL

O profetismo não consiste em gritar em nome de Deus, embora se trate de discursos muito bem escritos. São Paulo compara estas pessoas que só sabem falar ao “sino que soa” e ao “címalo que retine”. Isto não significa que o profeta não deva lançar mensagens e tomar a palavra tantas vezes quantas julgar necessário. Mas, a Palavra e o testemunho devem formar-se no interior da pessoa. Deve haver uma coerência entre o que se proclama e o que se vive. A exortação *Vita Consecrata* afirma que “*A coerência entre o anúncio e a vida confere uma força persuasiva particular à profecia*”.² “*A boca fala da abundância do coração*” (Mt 12, 34), nos diz a Sagrada Escritura, indicando a necessidade de estar atento ao que nós “cultivamos” interiormente.

“Profeta”, do ponto de vista etimológico, quer dizer “falar em nome de outro”, neste caso, em nome de Deus. “*Assim fala o Senhor...*”, é uma fórmula que, com muita freqüência, os profetas utilizam no Antigo Testamento para transmitir ao povo a mensagem que Deus lhes comunicou. Portanto, a missão do profeta é comunicar ao mundo o querer de Deus, sua vontade. Mas, não se pode fazer isto se primeiro, não se interiorizou a vontade divina. Assim, por exemplo, Deus disse ao profeta Ezequiel: “*Filho do homem, acolhe em teu coração, escuta com toda a atenção tudo quanto eu te disser. Depois, dirigir-te-ás a teus compatriotas exilados, para*

lhes falar. Dir-lhes-ás: oráculo do Senhor Javé - quer te escutem ou não". (Ez. 3, 10-11). Em outro momento, o Senhor pede ao profeta para comer o livro que ele deve anunciar (cf. Ez 2, 7 - 3, 11). A imagem não pode ser mais expressiva. O profeta Jeremias também nos transmite a necessidade que ele sente de assimilar primeiro a mensagem que deve comunicar: "*Quando encontrei as tuas palavras, logo as comi, e a tua palavra foi para mim o gozo e alegria do meu coração*" (Jr. 15, 16).

Depois de tudo o que dissemos, parece óbvio que o profeta precisa de uma boa experiência de Deus, senão, dificilmente poderá realizar sua missão profética. É exatamente este, o pensamento da Igreja quando ela fala do profetismo dos consagrados: *Vita consecrata* nos diz "*A vida consagrada tem a função profética de recordar e servir o desígnio de Deus sobre os homens. Para cumprirem convenientemente tal serviço, as pessoas consagradas devem ter uma profunda experiência de Deus*"³. Frequentemente, a experiência de Deus se identifica com a experiência de sua própria vocação. O profeta é alguém que se sente chamado, escolhido e constituído como tal por Deus a partir de uma experiência de encontro pessoal com Ele. "*Seduziste-me, Senhor, e eu me deixei seduzir*" exclama o profeta de Jeremias (Jer 20, 7). Através de sua linguagem expressiva, o profeta nos deixa entrever sua experiência pessoal de verdadeira paixão pelo Senhor. "*Eis-me aqui, envia-me*", diz o profeta Isaías (Is 6, 8). De acordo com esta resposta sem ambigüidade, podemos perceber que Isaías estava bem firme em sua decisão de seguir o chamado do Senhor.

Impossível ser profeta se nossa resposta à vocação está fraca, assim como é impossível iluminar uma sala escura se não há combustível para isto. Todos nós conhecemos a recomendação de Santa Luísa às Irmãs destinadas à comunidade de Angers: "*Renovai-vos, pois, minhas queridas Irmãs, em vosso primeiro fervor*"⁴. A mensagem de Santa Luísa a esta comunidade é clara: se nós não vivemos nossa vocação com entusiasmo, com fervor, aceitando suas exigências, o serviço dos pobres pode sofrer as conseqüências, a vida comunitária pode complicar-se e a vida das Filhas da Caridade pode deixar de interpelar aqueles que as cercam e colaboram em suas obras. Parece que foi isto o que aconteceu com aquela comunidade de Angers que tanto preocupou Santa Luísa. Por outro lado, o relato evangélico de Emaús que nos transmitiu o evangelista Lucas (cf. Lc 24, 13-35), nos mostra claramente, o quanto é importante estar em comunhão com Cristo ressuscitado para poder ser suas testemunhas. Os dois discípulos deste relato haviam seguido Jesus Cristo com entusiasmo durante o tempo de sua vida pública. Mas, a morte do Mestre, os tinha deixado tristes, desanimados e decepcionados. Suas expectativas tinham sido frustradas: "*esperávamos que fosse ele o libertador de Israel, mas...!*" (Lc 24, 21). Quando os discípulos descobrem que o peregrino que caminha com eles, que partilha à mesa, que parte pão e lhes dá é o Mestre, morto, mas ressuscitado, nesse mesmo instante acontece uma mudança decisiva em suas vidas: eles recuperam a esperança, sua fé renasce, abandonam o caminho do desânimo e se tornam testemunhas alegres do Ressuscitado. O encontro com o Senhor Ressuscitado curou a ferida da desesperança e da incredulidade. Impossível ser testemunhas, evangelizadores e profetas se não houver um encontro profundo e permanente com Jesus Cristo Ressuscitado, se não se "cultivar" a experiência de Deus.

Acertadamente, o questionário para as Assembléias domésticas alcança esta dimensão pessoal onde o profetismo entra em jogo em todos os níveis. Muitas Irmãs têm manifestado sua satisfação em descobrir que o tempo das Assembléias pode chegar a ser um verdadeiro tempo de conversão pessoal e comunitária. É maravilhoso, senão as Assembléias podem se tornar algo formal que termina cansando a todos. A Assembléia provincial pode perguntar-se sobre o que fazer para ajudar as Irmãs a manterem viva sua vocação e aprofundar uma experiência de Deus que as leve a testemunhar Jesus Cristo Ressuscitado em nosso mundo. O que fazer para evitar que o profeta se esfrie em sua vida espiritual?

2. O PROFETISMO NA VIDA COMUNITÁRIA

Vejam agora a segunda dimensão da vida das Filhas da Caridade: a vida comunitária. De que maneira, o apelo da Companhia a ser profeta, pode repercutir sobre a vida em comum ou a fraternidade? Eu sei que as Assembléias domésticas refletiram bastante e fizeram um discernimento sobre este ponto. Talvez mesmo que algumas comunidades chegaram a um compromisso concreto, o que prova que conseguiram chegar à vida concreta. A Assembléia provincial não pode perder de vista o horizonte das Comunidades concretas, entre outras razões, porque o profetismo da Província será o resultado do profetismo das Comunidades. Evidentemente que, a reflexão feita a nível provincial deverá ser geral, sem entrar nos detalhes de cada uma. Como ajudar as Comunidades a serem mais proféticas e portadoras de esperança no contexto socio-cultural e religioso onde se encontra a Província? É uma questão como esta que pode orientar o discernimento provincial sempre a partir das respostas das Assembléias domésticas. De minha parte, apresento-lhes as seguintes reflexões:

Face a um mundo individualista, o profetismo destaca a vida fraterna em comum.

O individualismo é uma forma de egoísmo que tem tendência a destruir o valor da fraternidade. Diante disto, o que fazer? A exortação *Vita consecrata* sublinha a força profética da vida consagrada em meio a um mundo destruído pelo ódio, os conflitos étnicos, os nacionalismos e as lutas entre gerações⁵. Face ao desafio do individualismo, não há outra resposta a não ser a vida fraterna em comum. Por ela, o novo mandamento do Senhor “*Como eu vos amei, amai-vos uns aos outros*” (Jo 13, 34), se torna uma realidade visível que se impõe. Quanto mais claro for o sinal, mais nítida e poderosa será a mensagem. Talvez hoje, seja mais do que nunca necessário emitir em alta intensidade, considerando a surdez de nosso mundo que não percebe as mensagens evangélicas.

Qual é o testemunho da vida fraterna hoje? Ela testemunha que é possível para pessoas de idades, culturas e mentalidades diferentes, viverem e se amarem; e que os conflitos que surgem da convivência podem ser superados pela aceitação das diversidades, pelo diálogo e o perdão. O “vejam como eles se amam” apesar de suas diferenças, como se reconciliam quando se ofendem, como se aceitam e como partilham entre eles, é o testemunho que as Comunidades são chamadas a dar a um mundo que busca caminhos de paz e unidade, e dificilmente os encontra. A vida fraterna é chamada a mostrar ao mundo que o caminho da fraternidade é possível. Em 1986, o Papa João Paulo II convidou a Companhia a dar este testemunho comunitário: “*Se o testemunho individual tem seu valor, a comunidade religiosa alarga singularmente a superfície do testemunho evangélico, multiplica seu poder de impacto*”. As Comunidades fraternas impressionam o mundo porque este sabe o quanto é difícil viver juntos hoje.

Face à filosofia do consumismo, o profetismo convida a “um estilo de vida sóbria e simples” (C. 30b), em sintonia com o espírito e a finalidade da Companhia e com a realidade dos pobres.

É um pouco o que propõe o documento da última Assembléia geral⁶. Parece óbvio que uma Comunidade que é levada pelo turbilhão do consumismo dificilmente será profética. Ela se torna incapaz de transmitir algo. Perdeu aquilo que J.B. Metz chama a “*terapia do choque*” para interpelar as pessoas. O consumismo provoca uma dinâmica de auto-complacência sem fim, e ao mesmo tempo, impede de ouvir o clamor dos mais necessitados. As Comunidades não estão isentas deste perigo do consumismo, considerando sua fascinação e sua onipresença. O que é mais preocupante, é que ele se introduz entre os membros sem que estes o percebam. Uma maneira de contestar o consumismo é descobrir maneiras alternativas de comportamento que vão em direção oposta ao mesmo. Por exemplo, aprender a arte de ser feliz em Comunidade com poucas coisas e coisas simples. Insisto nesta dimensão porque a fraternidade é um multiplicador natural; e o que é pouco, na realidade, pode se transformar em muito.

Face a um mundo fechado em si mesmo, o profetismo mostra a necessidade do discernimento para descobrir o que Deus pede hoje às Comunidades e à Província.

Certamente, o primeiro fruto do discernimento é a abertura em todos os níveis: da mente, do coração, da casa, da disponibilidade e do tempo. Fechar-se é estar voltado para si mesmo, tranqüilo, mas nesta disposição não se pode falar de testemunho profético. Quem tem uma mentalidade aberta poderá compreender mais facilmente os fracos e os excluídos da sociedade. Precisamos ter um coração disponível para saber acompanhar com discrição e delicadeza. A abertura de uma casa é uma condição indispensável para acolher com cordialidade. Precisamos também de disponibilidade para colaborar nos projetos provinciais, participar nas obras que outros dirigem. Enfim, precisamos de tempo para estabelecer contatos que geram vida.

O discernimento mantém as Comunidades sempre abertas, criativas, audaciosas, na medida de suas possibilidades. Na capa das *Linhas de Ação* aparece a palavra “audácia” em relação com a paixão por Jesus Cristo e pelos pobres. A audácia é uma característica dos profetas. Evidentemente, a audácia tem uma certa relação com a idade, o número de Irmãs e a vitalidade das comunidades. Mas, estes não são os únicos parâmetros a serem considerados. Todos nós conhecemos Filhas da Caridade e Comunidades que, apesar de sua idade, mantêm-se cheias de energia e de criatividade. Elas buscam continuamente adaptar os serviços às novas exigências sociais para que a resposta seja mais eficaz. E se é necessário, estão dispostas a começar um novo serviço.

3. - O PROFETISMO NO SERVIÇO INTEGRAL DO POBRE

Se nós aplicarmos agora o apelo ao profetismo à terceira dimensão da vida das Filhas da Caridade, vejamos a quais conclusões podemos chegar.

O profetismo recorda que as Filhas da Caridade não podem esquecer a evangelização.

Desde a fundação da Companhia, esta idéia é bem presente e muito clara. Como prova, basta citar um trecho do Regulamento das Irmãs de Angers: “*As Filhas da Caridade dos pobres doentes vão a Angers para honrar Nosso Senhor, o Pai dos Pobres, e sua Santa Mãe, e para assistirem aos pobres doentes da referida cidade, corporal e espiritualmente: corporalmente, servindo-os e administrando-lhes alimentação e remédios; e espiritualmente, instruindo os doentes nas coisas necessárias à salvação e procurando que façam uma confissão geral de toda a sua vida passada...*”⁷. Em muitas ocasiões São Vicente lembra às Irmãs que, através de seu serviço concreto aos pobres, elas deviam também evangelizar. Agora, o apelo profético vem ressaltar este aspecto.

Na Sagrada Escritura, os profetas anunciam o plano de Deus, sua santidade e sua justiça, e o fazem tanto com palavras quanto com obras e sinais. Nunca é demasiado deter-se na afirmação de que os profetas anunciaram a justiça de Deus através de mensagens orais ou escritas. Todos os escritos dos profetas no Antigo Testamento são a prova do que estamos dizendo. Cada um com seu estilo e sua sensibilidade pessoal comunicou uma mensagem que, antes havia assimilado em seu interior. Eles falavam daquilo que viviam. Eles não viviam daquilo que falavam. Neles, a convicção era mais forte do que o instinto de permanecerem vivos.

Freqüentemente, na Sagrada Escritura, os profetas se expressaram através de ações simbólicas, de obras ou de sinais. Eles transmitiam a mensagem pelos olhos⁸. Nós dizemos: uma imagem vale por mil palavras. Assim, por exemplo, Jeremias comprou um campo em Jerusalém quando a cidade inteira estava sitiada pelas forças de Nabucodonosor. Ele fez isto para comunicar a todos que Deus não abandona o povo com o qual estabeleceu sua aliança. Ele o explica assim: “*Porque assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: ainda se comprarão casas, e campos, e vinhas nesta terra*” (Jr 32, 15). Isaías passeava semi-nú pelas ruas de

Jerusalém anunciando o futuro destino do povo Koweitiano (cf. Is. 20, 1-6). Oséias se casa com uma mulher, antiga prostituta, para indicar que Deus permanece fiel ao seu povo apesar de sua infidelidade para com Ele. (cf. Os. 1, 1-3).

O profetismo jamais poderá prescindir-se da linguagem das palavras, embora hoje esta linguagem esteja um pouco desvalorizada. *“A fé vem pela audição, pela escuta”* assegura São Paulo; e, talvez hoje, as pessoas estejam mais atentas a linguagem simbólica. Um lugar onde podemos perceber esta linguagem profética dos sinais é no serviço realizado por uma Comunidade ou uma Província. Cada obra comunica uma mensagem. Evidentemente, a maneira como se realiza este serviço conta muito. Porém, no momento, eu não me refiro a isto, mas à obra em si mesma. Há obras que, por sua finalidade ou o lugar onde estão inseridas são mais profética do que outras, embora estas sejam muito úteis. Chegamos à distinção entre obras úteis e obras proféticas⁹. Todas as obras de uma Província são úteis, mas talvez, nem todas são proféticas da mesma maneira. Elas são úteis porque estão a serviço dos pobres, é um serviço necessário que dá um testemunho cristão e é assim que se evangeliza. Pode acontecer também, não obstante, que estas obras sejam menos proféticas porque não atraem a atenção, não interpelam, não são obras de fronteira. Certamente, em sua origem estas obras foram proféticas, mas com o tempo foram perdendo sua força profética, porque o resto da Igreja e a sociedade civil terminam por atingir os profetas. A partir desse momento, estas obras continuam sendo úteis, mas já não são tão proféticas. O que fazer para que as obras de uma Província sejam mais proféticas? Dizemos “mais proféticas” porque, como dissemos acima, há diferentes graus de profetismo. Portanto, sobre a distinção entre as “obras úteis” e as “obras proféticas”, pode-se, em seguida, variar no grau de profetismo. É necessário também dizer que nenhuma Província pode aspirar que todas as suas obras sejam cem por cento proféticas.

O serviço dos pobres também conduz à denúncia profética.

Na Sagrada Escritura, podemos ver como os profetas denunciam as injustiças cometidas pelos poderosos. Podemos dizer que a denúncia faz parte do profetismo: *“Ai daquele que, para a sua casa, ajunta cobiçosamente bens mal adquiridos, para pôr o seu ninho no alto, a fim de se livrar do poder do mal!”* (Hab. 2, 9). Os profetas levantam a voz de maneira forte contra fatos como estes: que um ser humano seja considerado com o mesmo valor de um par de sapatos (cf. Am. 2, 6); que os comerciantes enganem as pessoas com o peso (cf. Am. 7, 4); que o justo processo de uma viúva não seja levado ao tribunal (cf. Is. 1, 23). O profeta Natan denuncia Davi que fez morrer injustamente o guerreiro Urias a fim de casar-se com sua esposa (cf. 2Sam. 11 e 12). Elias culpa o poderoso Acab pela injustiça que ele cometeu contra o pobre Nabot ao tomar-lhe sua vinha (cf. I Reis 21, 1- 29). São Vicente se opôs ao Cardeal Mazarino porque sua política empobrecia ainda mais o povo que já era pobre. É a ele que devemos esta frase dirigida a Mazarino, digna dos grandes profetas do Antigo Testamento: *“Lançai-vos no mar para acalmar a tempestade”*¹⁰. Por causa da guerra, Vicente intervém e pede abertamente ao primeiro-ministro Richelieu que faça cessar a guerra.¹¹ Com muita caridade e, ao mesmo tempo, na verdade, Vicente adverte a Rainha Ana d’Áustria e Mazarino pelas conseqüências que suas políticas provocavam entre os pobres de Paris e os camponeses da região Parisiense.¹² Como conseqüência de sua denúncia, ele viveu exilado de Paris durante cinco meses.

A Companhia, as Províncias, as Comunidades devem exercer seu discernimento crítico lá onde estão implantadas, em nome do carisma vicentino reconhecido pela Igreja e também em nome do profetismo. A Igreja se expressou claramente sobre este ponto (o testemunho profético)... *“exprime-se ainda mediante a denúncia do que é contrário à vontade divina e a busca de novos caminhos para colocar em prática o Evangelho na história, na perspectiva do Reino de Deus”*¹³. Assim como no tempo de São Vicente, no tempo dos profetas do Antigo e do Novo Testamento, é sempre a exploração do pobre, a injustiça da qual ele é objeto, a violação de seus direitos, o abuso dos poderosos, que deve mover os vicentinos e provocá-los a colocarem-se do lado dos perdedores. A imaginação, a criatividade e a paixão por Cristo e os pobres se

encarregarão de fazer o resto, isto é, de buscar os sinais denunciadores adequados e necessários. Algo que não se pode descuidar é de estar atento em apoiar, encorajar e acompanhar as vozes proféticas que podem surgir em torno da vida comunitária e provincial, quer sejam leigos que são especialmente sensíveis à miséria dos pobres ou organismos que pretendam uma justiça social maior (cf. C. 24e). Esta será uma maneira de explorar o próprio carisma.

Agora, eu gostaria de falar de uma forma concreta do anúncio e da denúncia que fazem parte da prática dos votos. Este duplo serviço profético (anúncio e denúncia) é qualificado por *Vita consecrata* de “*terapia espiritual para a humanidade*”¹⁴. Num mundo dominado pelo dinheiro e pelo interesse, onde a riqueza e a ambição estão escrevendo as páginas mais tristes e dolorosas da humanidade, o voto de pobreza se torna um anúncio e uma denúncia. Considerando que nós vivemos num mundo que produz bens suficientes para todos, será que não podemos moderar o desejo de possuir e de consumir para que as necessidades elementares de todos sejam satisfeitas?¹⁵. A prática da pobreza, confirmada pelo voto, poderia deixar entrever ao mundo a alegria de partilhar, a solidariedade com os pobres e também algumas mudanças estruturais que resolveriam muitos problemas em nosso mundo.

Com o voto de obediência, denunciemos a deformação da liberdade que pode conduzir às piores aberrações. *Vita consecrata* n° 91 nos diz: “*Mas quem não vê as conseqüências monstruosas de injustiça e mesmo de violência, geradas na vida dos indivíduos e dos povos pelo uso deturpado da liberdade?*”. Por outro lado, anunciamos a necessidade de estarmos atentos à voz de Deus que se manifesta nos acontecimentos do mundo, no diálogo e no discernimento (cf. C. 31b). Nossa obediência pode dizer algo ao mundo sobre o diálogo e a capacidade de escuta, o respeito às diferenças de opinião e de cultura, a necessidade de trabalhar juntos.

Com o voto de castidade se denuncia a idolatria do prazer e a filosofia hedonista como incapazes de substituir o amor verdadeiro. Por outro lado, com a prática do voto de castidade se proclama que o amor pode transformar o coração ferido do ser humano e curá-lo através de atitudes de solidariedade e de serviço¹⁶. Trata-se de um amor universal que começa sempre pelos mais pobres. O artigo 29a das Constituições expressa o amor universal assim: (as Filhas da Caridade). “*Acolhem a **castidade** como dom que liberta seu coração dilatando-o segundo as dimensões do coração de Jesus Cristo*”. A expressão é verdadeiramente forte. Com o voto de serviço se denuncia que o ser humano não é uma mercadoria, mas tem sua dignidade. E, anuncia-se o valor evangélico da caridade que se torna serviço.

CONCLUSÃO

Com muito acerto, a Companhia apresenta o profetismo e a esperança juntos: o bom profetismo não pode gerar outra coisa senão a esperança. Paulo VI afirmou que há os “profetas das calamidades”, mas este não é o profetismo para o qual a Companhia nos chama. Na Sagrada Escritura, todos os profetas comunicaram ao Povo uma mensagem cheia de esperança, mesmo se às vezes, usaram uma linguagem muito dura. “*Raça de víboras!*” (Lc. 3, 7) dizia João Batista a seus contemporâneos. Mas, ele fazia isto para despertá-los a fim de que pudessem reconhecer o Salvador. Todos os profetas contribuíram para aumentar a esperança do Povo escolhido, inclusive Jeremias a quem coube viver e exercer seu profetismo em meio às cruzes e perseguições.

Se o profetismo tem como centro o “aqui e agora”, a esperança nos lança para o futuro. Os dois apelos são, pois, complementares para tentar conjugar o presente profético e o futuro cheio de esperança, sem esquecer, evidentemente, um passado que inspira tudo. É necessário pensar, também, que o profetismo não está voltado apenas para o presente, está também voltado para o futuro, porque a Companhia jamais deixará de lado este apelo da Igreja que faz parte da fé de todo cristão e da vida consagrada. Agora, como já falamos em outro momento, o profetismo

nunca poderá abafar a esperança; pelo contrário, deverá reforçá-la. É importante saber reconhecer os sinais de Deus em nosso mundo e no interior da Companhia, porque ela tem vida e gera muita vida e esperança ao seu redor, assim como também a esperança. Ela nasceu como um processo de esperança frente a um clima de desesperança e de abandono dos pobres e marginalizados. E, ao longo da história, esta e não outra foi o motivo que a manteve viva. Suscitar e encorajar a esperança aos que carecem dela não será uma versão bem válida da recomendação de São Pedro a respeito do “*prestar conta da esperança que está em nós*” (1 Pe 3, 15)?

PARA A REFLEXÃO PESSOAL E A PARTILHA EM COMUNIDADE

– A Assembléia provincial é do interesse de todas as Irmãs da Província, das delegadas e também daquelas que participam desta de uma forma indireta. Como viver a participação co-responsável na Assembléia provincial sem estar presente fisicamente?

Em nossa reflexão apresentamos as três dimensões nas quais devemos viver o apelo profético da Companhia: dimensão espiritual, dimensão comunitária e dimensão do serviço dos pobres. Qual das três dimensões lhe parece prioritária para sua Comunidade e para sua Província?

– O que se pode fazer para que a Obra ou as Obras nas quais sua Comunidade trabalha se tornem mais proféticas?

Pe. Javier ÁLVAREZ,
Diretor geral

Notas

¹ cf. Diretório da Assembléia provincial p.6

² Vita consecrata, 85 b

³ Vita consecrata, 73 a

⁴ Santa Luísa 26 de julho de 1644 Escritos Espirituais Irmã Charpy p. 113

⁵ cf. Vita consecrata, 51

⁶ Linhas de Ação Inter-Assembléias 2003-2009 p.9

⁷ A Companhia das Filhas da Caridade nas origens, Documentos Irmã Charpy p. 280

⁸ cf. Luis Gonzalez Carvajal A Companhia das Filhas da Caridade no tempo das Assembléias Província de Madrid São Vicente p.9

⁹ cf. Ibid., 10 – 11.

¹⁰ Coste: O grande Santo do grande Século - Tomo II p. 675

¹¹ cf. L. ABELLY, A vida do venerável servo de Deus, Vicente de Paulo, 3 vol. t. I, Paris 1664, p. 169 – 170.

¹² Coste III p. 402

¹³ cf. Vita consecrata N°84

¹⁴ Vita consecrata N°87

¹⁵ Vita consecrata N°89-90

¹⁶ Vita consecrata N°88

IRMÃ JULMA NEO, CONSELHEIRA GERAL

A formação de uma Serva dos pobres ao profetismo

A – LEMBREMO-NOS DOS PROFETAS DE ONTEM

O fato de nos lembrarmos dos profetas de outrora pode torná-los presentes como “ícones” que têm uma mensagem para partilhar conosco e histórias a nos contar hoje. Este tipo de

lembrança pode despertar em nós uma consciência e pode nos conduzir por caminhos cheios de esperança, que ainda não foram trilhados.

1 - A missão do profeta

Quando nos questionamos sobre a função dos profetas no Antigo Testamento, dois elementos se destacam.

Em primeiro lugar, a missão do profeta é constituída por três componentes: a proclamação, a denúncia e a proposição de uma nova alternativa. Os profetas proclamam a Palavra de Deus em Seu Nome dentro de situações concretas de injustiças sociais, de violências, de crises políticas, de decadência moral... Nestas realidades, eles denunciam a violação da Aliança de Israel com Yahvé, em particular, a opressão dos pobres pelos ricos (Is 5, 8-17; Mi 3, 1-14) e o ritualismo na prática de sua religião (Is 1, 1-20; Mi 3, 9-12, Am 5, 21-26). Vendo a infidelidade do povo à Aliança, eles anunciam catástrofes iminentes (Is 10, 5-19; Is 24, 27; Os 7, 8-12). Mas, quando os profetas repreendem o povo, eles também recordam-lhe o amor fiel que Deus tinha para com ele e propõem as alternativas em vista de um futuro melhor (Am 5, 16-20, 27).

Falando do caráter profético da vida consagrada, João Paulo II recordava estas três dimensões: *“Ele (o profeta) depois de ter acolhido a palavra no diálogo da oração, proclama-a com a vida, com os lábios e com os gestos fazendo-se porta-voz de Deus contra o mal e o pecado. O testemunho profético...exprime-se ainda mediante a denúncia do que é contrário à vontade divina e a busca de novos caminhos para atuar o Evangelho na história, na perspectiva do Reino de Deus”*. (Vita Consecrata, 84).

Em segundo, a missão do profeta é sempre exercida por motivos religiosos¹ fundamentados sobre a experiência de ser chamado por Deus; é a experiência fundamental de seu profetismo.

Vicente de Paulo foi um profeta, como outros fundadores e fundadoras, embora nunca tenha se considerado como tal. Fundando a Companhia, ele iniciou uma *“nova maneira de ser religiosa”* que se manifesta profética não somente em seu tempo, mas em todas as épocas. No século XIX, Rosalie Rendu também testemunhou atos proféticos num clima político e social revolucionário. Assim como Vicente de Paulo, ela proclama o amor e a fidelidade infalível de Deus para com os pobres do Bairro Mouffetard e denuncia a exploração vivida por eles.

2 - A pessoa do Profeta

Os profetas são homens / mulheres de Deus: o início de sua vida profética é marcado por uma profunda experiência de Deus (Am 7, 14-16; Is 6, 1-13; Jer 28, 15-17; Ex 7,1). O conhecimento que têm de Deus lhes permite anunciar sua Palavra com convicção, aqueles que os escutam sabem que eles falam em seu Nome, tal Moisés falando com Deus *“face-a-face”* (Ex 33, 11) a ponto que *“seu rosto brilhava”* (Ex 34, 29).

Os profetas também vivem bem próximo do povo que amam. Este amor lhes causa angústia e dor (Rom 8, 11-12; Os 11, 1-7; Am 7, 1-6). Suas proclamações e denúncias são sempre precedidas por lamentações. Lembremo-nos que São Vicente dizia: *“Os pobres são o meu peso e a minha dor”*. Irmã Rosalie Rendu conhecia cada um dos pobres que ela servia com sua comunidade.²

Os profetas são homens / mulheres do seu tempo. Conhecem as forças políticas, as correntes religiosas e filosóficas que influenciam seu tempo. Eles são atingidos por elas tanto quanto o povo.

Constatamos que os profetas do Antigo Testamento, Vicente de Paulo, Rosalie Rendu vindos de lugares diferentes, têm características comuns que podemos considerar como “características proféticas”.

a) *A atenção*: qualidade do coração que ajuda a ver e escutar bem. Ela conduz a uma grande sensibilidade e determinação para agir. O profeta deve estar atento à vida daqueles e daquelas aos quais ele tem a missão de falar em nome de Deus. Atento aos acontecimentos, sabe reconhecer neles sinais de futuro.

b) *A sensibilidade*: qualidade do coração que faz ressentir a vivência e os sentimentos do povo. Esta é uma das características observadas em Rosalie Rendu quando ainda era criança³. A sensibilidade torna possível a empatia e a solidariedade.

c) *A contemplação*: Os profetas “vêm” o que os outros só olham”. Eles vêm além e descobrem aí um sentido espiritual (cf 1R 17,1-24). Vendo uma amendoeira florida, Jeremias reconhece neste sinal a fidelidade de Deus para com seu povo (Jr 1,10-19). A contemplação faz passar do olhar ao ver e vai até interpretar, em seguida falar.

d) *A criatividade*: qualidade que faz encontrar novas alternativas mais portadoras de vida. Nas circunstâncias difíceis do Bairro Mouffetard, Irmã Rosalie Rendu faz nascer novos projetos: Creches para crianças pobres, Escolas técnicas para meninas (as “fábricas”), a “Casa da caridade” e obras para as pessoas idosas.⁴ Como Rosalie, Vicente de Paulo foi particularmente criativo engajando diferentes setores da sociedade para partilhar seu tempo, suas competências e seu dinheiro e a colaborar juntos no serviço dos pobres. Estas “redes de caridade” prefiguraram a “globalização da solidariedade” da qual sempre se fala hoje.

e) *A coragem e a audácia*: disposições do coração que dá energia e ardor para se empenhar na missão confiada. Estas duas qualidades têm por base convicções fortes de fé (Jer 1,1-10; Mi 3, 8). A coragem de Natan o impulsiona a fazer algumas repreensões a Davi (2Sm 12, 7). A audácia de Eliseu o engaja a lutar com “um exército composto por um único homem” contra Jezabel com todas as forças reais. Irmã Rosalie, subindo nas barricadas em busca dos feridos, escondendo os fugitivos, cuidando das vítimas do cólera arriscando sua vida e a de suas Irmãs⁵ dá prova de coragem e de audácia.

f) *A perseverança apesar das perseguições e tribulações*: Apesar dos sofrimentos, a rejeição, a calúnia, os profetas perseveraram em sua missão: Jeremias é vítima de uma conspiração (Jr 12, 5-6), Amós é acusado de traição (Am 7, 10-15), Rosalie é, às vezes, incompreendida por seus Superiores e algumas Irmãs⁶. Nada faz calar os profetas: nem as contradições, nem as tribulações.

g) *A verdade*: Diferente dos falsos profetas que proclamam o que o povo ou os reis querem ouvir, os profetas transmitem a Palavra de Deus sem falsificá-la a fim de torná-la aceitável. O que contribui para sua credibilidade é a coerência de sua vida em conformidade com o que eles têm a missão de anunciar.

h) *A esperança*: Apesar da mensagem difícil a ser transmitida, os profetas nunca perdem a esperança e suas palavras sempre trazem uma nota de esperança: esperança alicerçada não num otimismo humano, mas na certeza da fidelidade de Deus. Oséias predisse o dia do Senhor em que a criação reencontrará sua harmonia (Os 2,16-25, ver também Is 6,11-13; Is 10, 20-23). Jeremias antevê o dia em que o Senhor estabelecerá uma nova Aliança com Seu povo e fará todas as coisas novas.

B – FILHAS DA CARIDADE, CHAMADAS A SER PROFETAS... HOJE

Em relação ao nosso chamado a ser profetas como Filhas da Caridade, façamos quatro observações;

1 - Somos herdeiras de uma dupla herança profética: em virtude de nosso batismo que nos incorpora ao povo de Deus, somos um povo de profetas, de sacerdotes e de reis; e, como consagradas, assumimos o caráter profético da vida religiosa.

2 - Para nós, ser profeta não é uma opção facultativa. É uma exigência da fidelidade à nossa vocação cristã e vicentina.

3 - É nosso ser que é profético. Nosso ser profético não está ligado a uma função ou a um período da vida, mas expressa todas as dimensões de nosso ser.

4 - Somos chamadas a viver nossa missão de profeta não só pessoalmente, mas em comunidade em união com a Companhia inteira. Como todo profeta, nossas comunidades, nossas Províncias, a Companhia são chamadas a viver esta maneira a ser considerada como proclamação do Reino de Deus, denunciando os elementos da cultura que fazem obstáculos ao progresso do Reino, encarnando uma alternativa ao que denunciamos.

C – FORMAR FILHAS DA CARIDADE “PROFETAS... PARA HOJE E PARA AMANHÃ”

Tendo refletido sobre a missão dos profetas, perguntemo-nos agora como formar hoje as Irmãs a fim de que elas sejam realmente proféticas.

1 - Aprofundar nossa identidade de Filhas da Caridade.

A formação deve ajudar as Irmãs a assimilar progressivamente e aprofundar sem cessar sua identidade de Filhas da Caridade descobertas durante a formação inicial. Fazer crescer esta identidade supõe uma configuração progressiva ao Cristo (C. 49), Adorador do Pai, Servo de Seu desígnio de amor e Evangelizador dos pobres (C. 8a). Todos os outros aspectos da formação – o conteúdo, o procedimento e as orientações – resultam desta.

Mais precisamente, a formação do ser de profeta tem por objetivo ajudar as Irmãs a viverem sua identidade de “*totalmente doados a Deus para o serviço de Cristo nos pobres com espírito de humildade, simplicidade e caridade em comunidade para a missão*”. Desde a formação inicial, deve ficar claro para as Irmãs que crescer em sua vocação implica viver esta identidade na fidelidade, radicalidade e transparência.

a) Totalmente doadas a Deus (C. 7a): O dom total e radical de si mesmo a Deus é um elemento fundamental de nossa identidade. Na prática, pode ser enfraquecido se reduzimos o serviço dos pobres a um trabalho ou em atividades a realizar. O serviço de Cristo nos pobres é nossa finalidade, mas o dom total de si é a condição primeira e indispensável para realizá-lo. Sem ele, nosso serviço dos pobres não é o serviço de uma Filha da Caridade. “*O serviço é para elas a expressão de seu dom total a Deus*” (C. 16b).

O dom total de nós mesmas a Deus proclama o absoluto e “*a primazia de Deus e da vida eterna*” (Vita Consecrata 85). Este dom total de si mesmo denuncia o caráter provisório e superficial dos compromissos no mundo atual.

A formação em todas as etapas deve despertar nossa vigilância diante de certas mentalidades seculares atuais que enfraquecem este dom total. Ela deve também ajudar a se desinstalar de toda mediocridade e voltar ao “deserto” onde Deus pode “falar ao nosso coração” (cf. Os 2,16).

b) *Para o serviço de Cristo nos pobres* (C. 7a): Nossa maneira de servir os pobres com um olhar de fé (cf C. 16c, C. 10b, C. 24b,) é uma denúncia de “redução ao estado de objeto” dos pobres em nossa cultura dominante hoje.

O serviço implica uma visão de fé e uma motivação de amor (C. 7b), é uma forma de evangelização: “*Têm como principal preocupação fazê-los conhecer Deus, anunciar-lhes o evangelho e tornar presente o Reino*”. (C. 10a). Ser profético exige não reduzir o serviço simplesmente ao trabalho ou às atividades.

Hoje, esta visão do serviço é enfraquecida por alguns modos de pensar da sociedade: uma preocupação exagerada com a eficácia, os resultados, o ser profissional e competente. Se quisermos ser profetas, o trabalho não é suficiente. É necessário servirmos. Não somos apenas pessoas que trabalham para e entre os pobres, mas servas de Cristo nos pobres.

A formação deve permitir aos nossos “olhos” e ao nosso “coração” ver aqueles que nós servimos em Cristo e Cristo neles e tudo “apostar na caridade” (Partir de Cristo, 10).

c) *Em comunidade* (C. 7a): a dimensão comunitária de nossa identidade proclama que o amor de Deus por nós e pelos pobres é tão poderoso que pode reunir mulheres de contextos tão variados numa comunhão umas com as outras para o bem da missão. Trata-se de uma comunidade construída sobre a convicção de que fomos chamadas e reunidas por Deus para viver juntas em comunidade. Uma tal comunidade de fé moldada segundo a Trindade já é uma prefiguração da realização do Reino no fim dos tempos.

Nosso mundo é marcado pela exclusão, a intolerância, o racismo, o tribalismo, os sistemas das raças, os fossos entre gerações. Em tal contexto, o testemunho de uma comunidade de Irmãs vindo de horizontes muito diferentes e vivendo em comunhão e unidade revela que, “*no Cristo, não há mais nem Judeu, nem Grego, nem escravo nem homem livre, nem homem nem mulher porque todos são um em Cristo*” (Gal 3, 28). Para fazer isto, a formação deve ajudar a criar uma mudança de mentalidade para perceber a diversidade como uma fonte de enriquecimento que deve ser apreciada e encorajada (C. 32a).

d) *Na humildade, simplicidade e caridade* (C. 7a): Estas três virtudes que constituem nosso espírito denunciam certos elementos de nossa cultura atual como, por exemplo: a ênfase dada de maneira exagerada ao status, à reputação, à aparência, à busca excessiva de seu próprio desenvolvimento... Estas virtudes proclamam a humildade de Deus feito homem que se humilhou até a morte para nossa salvação (Fil 2, 6-8), com um amor incondicional pelo homem (Jo 8, 1-11; Lc 7, 11-ss; Lc 19, 1-ss; Mt 8, 5-13) e uma busca de fazer a vontade do Pai (Jo 4, 34; Lc 23, 46). A formação deve visar a fazer de nós verdadeiras servas cuja única Regra de vida é Jesus Cristo Servo (C. 8a) de tal forma que possamos ser percebidas como servas humildes “*qualquer que seja nossa forma de compromisso e nosso nível profissional*” (C. 24d).

e) *Na Igreja* (C. 1a): O amor à Igreja implica “*pensar primeiramente na Igreja antes de pensar na Comunidade*”, de acordo com as palavras de Mère Guillemin. A Comunidade não está fora ou paralela à Igreja, mas ela faz parte desta. Esta perspectiva é essencial para o profetismo. A formação ao profetismo deve insuflar nas Irmãs um sentido profundo de pertença e de amor à Igreja. A comunidade local é uma minúscula célula da Igreja; sua vida atinge a da Igreja de maneira misteriosa, porém bem real. A formação deve nos fazer tomar consciência desta dimensão eclesial como algo que faz parte integrante de nossa vida (C. 52b).

f) *No mundo*: A secularidade das Filhas da Caridade é uma das características proféticas da Companhia que revolucionou a vida religiosa feminina no século XVII. A Constituição 12 que faz alusão à nossa secularidade não fala apenas da mobilidade e da disponibilidade necessária,

mas também do viver no meio deles (C. 12a). Isto implica numa verdadeira inserção. A fidelidade a esta exigência conota uma sã tensão entre o “estar no mundo” e “não ser do mundo”. Manter esta tensão numa relação dinâmica e criativa continua sendo um desafio para nós. A formação deve criar em nós uma espiritualidade que nos permita viver no mundo “sem ser do mundo” e desenvolver nossa capacidade de discernimento.

2 - A formação ao profetismo inclui elementos essenciais:

a) A experiência de Deus é central

A experiência de Deus é a pedra angular da vocação profética. Através de nossas experiências de Deus, Deus se torna cada vez mais presente para nós. Nossa vida de fé é uma relação dinâmica e permanente com Ele, ela nos dá uma maneira de ver a realidade segundo o “espírito de Cristo” (Fil 2,5). A formação deve inculcar em nós convicções profundas que nos transformarão pouco a pouco à imagem e à semelhança de Cristo.⁷ A experiência de Deus não é só uma tarefa a cumprir, é um dom do Espírito a acolher. A formação deve criar as condições e o clima para aprofundar a vida de fé.

b) A contemplação:

A fé cresce graças à contemplação, a capacidade de “ver Deus”, tanto nas Escrituras quanto na oração, nos acontecimentos, nas pessoas, especialmente nos pobres, nas Irmãs, nas realidades da vida quotidiana. A contemplação é igualmente a capacidade de “escutar”; pois o Deus que vemos é também um Deus que fala, que chama e espera uma resposta. Como profetas, devemos ser capazes de ver e ouvir Deus nas realidades ordinárias que comunicam Sua presença. Os frutos da contemplação não dependem de nós, mas de Deus que Se revela quando O contemplamos. Mas a capacidade de contemplar pode ser desenvolvida pela formação. Esta cria as condições que favorecem a contemplação: o amor ao silêncio, uma vida equilibrada, a sobriedade, uma oração regular, uma atmosfera de reflexão e de disciplina. A formação deve desenvolver nas Irmãs a atenção – a capacidade de centrar-se sobre uma realidade externa a si mesma.

c) A solidariedade:

Se a intimidade com Deus é necessária para ser profeta, o mesmo vale para a solidariedade⁸ e a proximidade com pessoas, especialmente com os pobres. (C.10a). A solidariedade implica não só partilhar “*as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias*” (Gaudium e Spes, 1) das pessoas de nossa idade, mas também “*a determinação firme e perseverante em trabalhar para o bem comum*” (Solicitududo Rei Socialis, 38). Nas Constituições de 2004, a solidariedade dá uma nova orientação a algumas de nossas “práticas tradicionais”, por exemplo, a nossa penitência comunitária (E. 2) e os nossos votos (cf. C. 30b em relação ao trabalho, E. 16a e E. 8d em relação à utilização dos recursos da terra. Ver também as Linhas de Ação sobre a Missão no parágrafo 5). A solidariedade é fundamentada numa visão e numa convicção de fé segundo as quais os pobres que sofrem são “*filhos de Deus*”... nossos “*senhores e mestres*” (C. 16c). Deus nos chama a proclamar esta visão e a denunciar tudo o que a destrói. A formação deve favorecer esta solidariedade com os pobres a fim de que estes façam parte dos critérios a levar em conta quando fazemos escolhas importantes. “*Como esta escolha bem feita vai atingir os pobres? Quais serão as consequências desta para eles?*” (C. 24e, C. 52b).

d) O discernimento:

Podemos distinguir dois tipos de discernimentos: a busca da vontade de Deus por uma pessoa que busca descobrir sua vocação (discernimento da escolha vocacional) e a busca da vontade de Deus em sua vida quotidiana (discernimento evangélico)⁹. Nosso mundo estando marcado por tantas ambiguidades e mudanças rápidas, o discernimento evangélico é uma necessidade absoluta. A formação inicial exige um bom discernimento vocacional e a necessidade de examinar as motivações das candidatas. A formação em todas as etapas deve

ajudar as Irmãs a desenvolver capacidades e qualidades necessárias para o discernimento. A formação para o discernimento (C. 56a) pressupõe a formação a um julgamento crítico e a uma consciência reta (C. 52b), a capacidade de refletir e um aprofundamento permanente da vida de fé.

e) A liberdade interior:

O profetismo não é possível sem uma certa liberdade interior. Este permite buscar a vontade de Deus e segui-la sem ser embaraçado pelos obstáculos que vêm de nós mesmos ou dos outros. É preciso uma certa liberdade interior para suportar a solidão do coração que é frequentemente o destino dos profetas fiéis à sua missão. É preciso um coração livre para ir contra a corrente, para ir em oposição à cultura. A liberdade interior dá aos profetas a coragem de ser fiel às suas palavras mesmo em meio às perseguições. A liberdade interior nos permite enfrentar calmamente os conflitos interiores e exteriores constantemente inevitáveis quando “anunciamos” e “denunciamos” à luz do Evangelho ou do carisma. A formação à liberdade interior pressupõe um certo grau de maturidade humana e religiosa. Ela exige que sejamos formadas a fazer escolhas responsáveis.

As Irmãs devem conhecer os valores que estão por trás das condutas prescritas, estimá-las e apropriar-se delas. A formação deve ter um processo que permita a escolha dos valores ao invés de seguir maneiras de agir prescritas.

f) Cultivar as características proféticas

O apelo ao profetismo não destrói a personalidade humana dos profetas, mas a transforma progressivamente. O jovem Moisés que batia o egípcio (Ex 2, 12) se tornará o guia corajoso que conduzirá seu povo pelo deserto. A coragem e a determinação de Irmã Rosalie em arriscar-se já são manifestadas em seus jovens anos¹⁰. A formação ao profetismo exige que conheçamos bem as pessoas para descobrir nelas as características proféticas que poderão ser desenvolvidas. Isto supõe uma aproximação personalizada da formação (C. 53).¹¹ Significa levar a sério a formação humana das Irmãs e discernir os fundamentos humanos necessários para a formação de um profeta.

g) A atenção à cultura

Nestes últimos anos, a Igreja e a vida religiosa prestam mais atenção à cultura. As culturas são de uma importância fundamental, pois, são portadoras de valores e de contra-valores. Elas atingem as escolhas que as Irmãs fazem e, por conseguinte, suas vidas. As culturas moldam nosso mundo de maneira que só percebemos progressivamente. Hoje, a Igreja nos pede que ajudemos a criar uma “cultura de vida” para substituir uma “cultura de morte” lá onde ela existe, uma “cultura de paz” ao invés de uma “cultura de violência”. A utilização destes termos não é simplesmente um outro jargão, mas corresponde a uma nova tomada de consciência mundial sobre a importância das culturas na construção de um futuro melhor para todos. A formação ao profetismo deve favorecer a sensibilização às culturas e à compreensão das culturas e seus componentes. A formação deve dar a capacidade de discernir a fim de nos ajudar a estabelecer uma avaliação crítica dos valores e dos contra-valores das culturas atuais. Tudo isto exige que nosso Programa de formação seja inculturado (C. 53).

h) A imersão no contexto

Com o interesse para o “mundo” gerado pela teologia do Vaticano II, nós crescemos na convicção de que toda a realidade devia ser examinada em seu contexto se quisermos vê-la tal como é. A formação ao profetismo exige que façamos a experiência da realidade vivida pelo nosso povo, aqui e agora. Em outras palavras, a formação nas diferentes etapas deve favorecer a sensibilidade aos sinais dos tempos e a capacidade de interpretá-los juntas em comunidade.

CONCLUSÃO

A formação ao profetismo exige vários compromissos.

- Examinar os programas de formação nas diferentes etapas: conteúdo, método, estruturas e orientações para ver se eles partilham a visão da formação descrita acima.

- Conhecer as jovens que entram em nossas comunidades hoje e investir tempo e o pessoal necessário para chegar a isso. É importante refletir com elas para ver quais características da sua geração são ajudas ou obstáculos para a sua formação de profetas.

- Refletir mais profundamente sobre a nossa cultura para ver quais são os elementos culturais que facilitam ou que tornam difícil uma formação profética. Como formar a fim de termo a coragem e a audácia para nos opor aos contra-valores? Como nos formar de maneira que o Evangelho e o carisma – em vez da cultura – sejam sempre a norma de nossas escolhas? Como formar nossas comunidades locais para que elas sejam mais proféticas?

É desejável que nossa reflexão ajude a estabelecer programas de formação para todas as etapas que formam Filhas da Caridade “profetas para os povos hoje”.

Irmã Julma NEO
Filha da Caridade

Notas

¹ Sandra Schneiders, *Finding the Treasure, (Descobrendo o Tesouro)* (Paulist Press, New York/Mahwah, NJ 2000) pp 316-317.

² Louise Sullivan, *Sister Rosalie Rendu: A Daughter of Charity on Fire with Love for the Poor* (Vincentian Studies Institute, 2006) p. 91

³ Op. Cit. pp. 12, 38, 188.

⁴ Op. Cit. pp. 127-140 por mais exemplos de criatividade e de audácia de Irmã Rosalie Rendu.

⁵ Op. Cit. pp. 149-192.

⁶ Op. Cit. p. 66.

⁷ Ver Guia da Formação Inicial, Elementos chaves da formação.

⁸ A caridade social segundo Pio XI

⁹ Cf. Guia da Formação Inicial, Elementos chaves da formação

¹⁰ Op. Cit. pp. 26 e 86.

¹¹ Cf. Guia da Formação Inicial, Características da formação.

DESAFIOS ATUAIS

INDICAÇÕES PARA DISCERNIR

“De um modelo de modernidade a outro”

Notas tomadas durante a palestra do Padre Joseph Marie Verlinde na sessão de formação da Equipe de pastoral da Capela sobre o tema “Discernimento no acolhimento”.

Nascido na Bélgica em 5 de agosto de 1947, Jacques Verlinde é doutor em ciência e pesquisador no FNRS¹ em química nuclear quando sua busca espiritual o conduz a conhecer a Meditação Transcendental, em 1968. Enaltecido pelo mestre fundador, é admitido a segui-lo nas ashrams do Himalaia pouco acessível aos ocidentais. É lá que ele aprofunda seu conhecimento do Hinduísmo e de suas práticas durante quatro anos. É lá também que ele fez o encontro determinante com o Senhor Jesus que o conduz a deixar a Meditação Transcendental para se engajar no seguimento de Cristo nos caminhos do Evangelho.

De volta à Europa, o jovem convertido põem-se a fazer uma síntese do que ele viveu no Oriente e de sua descoberta sobre a pessoa de Jesus Cristo. É atraído pelas interpretações dos Evangelhos propostas no seio

de uma escola esotérica. Acreditando ter encontrado uma associação que lhe permite viver a fé cristã integrando nela sua experiência do Oriente, frequenta suas reuniões, estuda sua doutrina, pratica suas técnicas. Jacques é, imediatamente, convidado a desenvolver os poderes ocultos que possui continuando as iniciações recebidas na Índia, a fim de “colocá-las a serviço de seu próximo” – pelo menos, tal foi a proposta que lhe foi feita.

Somente depois de vários meses de prática que uma nova experiência desconcertante abre-lhe os olhos e o faz perceber que o caminho do esotero-ocultismo é incompatível com o do Evangelho.

Logo, uma nova ruptura se impõe marcando o começo de um longo caminho de cura interior. Tomando o caminho do sacerdócio, Jacques Verlinde passa dois anos no Seminário de Avignon, em seguida, depois de uma permanência na Porta de Nossa Senhora das Neves, ele prossegue seus estudos de filosofia e de teologia em Roma, na Universidade Gregoriana. No dia 28 de agosto de 1983, é ordenado Padre para a Diocese de Montpellier. Depois de alguns meses de ministério paroquial, seu Bispo, Dom L. Boffet, o envia a preparar-se e fazer um doutorado de filosofia na Universidade Católica de Louvain. Hoje, ele ensina a filosofia da natureza na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Lyon e teologia fundamental no Seminário de Ars bem como no STIM (Studium Teológicos Inter-Mosteiros Beneditinos de França).

Em 1991, e com o nome de Joseph-Marie, ele pronuncia seus compromissos definitivos na Fraternidade Monástica da Família de São José.

INTRODUÇÃO

A cultura contemporânea se define como “pós-moderna”. Os peregrinos que frequentam a rua do Bac fazem parte de nosso tempo, e embora eles não sejam filósofos, pensam nas categorias da pós-modernidade, principalmente sob a influência dos meios de comunicação.

Algumas palavras sobre a pós-modernidade

Atribui-se normalmente a paternidade do termo “pós-modernidade” ou “pós-modernismo” a Frederico de Onis², mas recai ao historiador e crítico inglês Arnold G. Toynbee ter divulgado o uso³.

É preciso esperar os anos sessenta para que este termo entre no vocabulário habitual do Hexágono, em grande parte sob a influência da obra de referência de Jean-François Lyotard: *A condição pós-moderna* (Paris, 1979).

O termo pós-moderno (ou hiper-moderno) se define em relação ao modelo de modernidade da qual se distancia. Já que o sentido brota da diferença, digamos algumas palavras do modelo modernista, que se estruturou progressivamente desde Descartes, passando por Bacon, as Luzes (Iluminismo) e o positivismo de Auguste Comte.

DA MODERNIDADE À PÓS-MODERNIDADE (OU HYPERMODERNIDADE)

A) Os últimos anos da modernidade

Sem entrar nos detalhes, podemos resumir a história da modernidade como o advento do indivíduo e seu desenvolvimento até sua plena autonomia.

A modernidade tinha se construído em torno de algumas idéias:

- humanismo
- razão
- ciência
- história
- progresso.

Apoiando-se na tradição cristã, o modelo modernista articulava algumas polaridades comentes admitidas:

- a distinção entre o bem e o mal;
- o conhecimento e a crença;

- o masculino e o feminino;
- o real e o virtual;
- o público e o privado.

O advento do indivíduo autônomo veio com algumas afirmações fortes:

- a razão não precisa da hipótese Deus para descrever o sistema do mundo – (resposta do Marquês de Laplace a Napoleão);
- a consciência não precisa mais da Revelação para discernir os valores e traçar seu caminho para uma humanidade perfeita;
- a esperança escatológica não é mais fruto de uma intervenção transcendente, mas é alcançada no horizonte do progresso da humanidade.

B) Os sinais precursores da crise

Não é errado dizer que a modernidade entra numa crise profunda no momento da guerra do Vietnã, mas este acontecimento, no entanto, foi apenas o fator provocador de uma reação que se escondia debaixo da cinza há mais de um século.

1 - NO MUNDO INTELECTUAL

Não estando satisfeito com a herança kantiana, que bloqueava o acesso ao absoluto, a filosofia romântica, integrando a crítica racionalista da Revelação, vai revalorizar a intuição e redefinir o fenômeno religioso em termos de sentimento da natureza⁴.

Na mesma época, a descoberta dos escritos sagrados das tradições orientais⁵ vai provocar uma formidável admiração para o Oriente que contribuirá na origem da filologia⁶ comparada (1786) e da ciência das religiões (M. Müller, 1888).

A utopia do progresso que dirige a uma civilização ideal futura, se inverte numa busca ao mesmo tempo utópica de uma civilização original perfeita cujas diversas culturas seriam apenas formas degradadas.

Os eruditos da época estavam persuadidos de que as Índias eram o berço desta forma original e pura que convinha explorá-la para renovar a cultura ocidental envelhecida e mesmo moribunda depois de tantos séculos de obscurantismo judeu-cristão⁷.

Compreende-se que neste contexto, o primeiro Congresso internacional das Religiões, realizado em Chicago em 1893, teve uma repercussão enorme, e foi o ponto de partida de um movimento missionário importante das tradições orientais que já estavam bem presentes no Ocidente por ocasião dos acontecimentos dos anos 60-70.

2 - NO MUNDO SOCIAL

Mas, havia somente o ambiente intelectual que dava início a uma mudança. Seria necessário aprofundar a influência dos grandes movimentos sociais que se elevam na mesma época contra a exploração das massas operárias pelo capitalismo. A reação vai se cristalizar em torno do marxismo que se apresenta como uma contestação radical ao sistema econômico nascido do modernismo. A contestação da legitimidade política da burguesia e do capitalismo estará no centro da revolução dos anos 70.

Enfim, juntamente com a estrutura econômica, social e política do modernismo, é também todo seu sistema de valores que vai ser colocado em causa, em particular sua moral tornada frágil desde a desestabilização de seu pedestal religioso judeu-cristão. Deste modo, o movimento de liberação sexual vai se reivindicar de Sigmund Freud (1856-1939) e de seus sucessores, em particular Wilhem Reich (1897-1957).

Um novo paradigma

É a contestação radical ao conjunto desta estrutura que vai dar origem ao que convém chamar “pós-modernidade”. Ao saber racional hierarquizado no seio do grande templo do conhecimento universal, faz sequência uma fragmentação dos domínios que se encontram justapostos sem avaliação comparativa. A grande versão pública desta nebulosidade será denominada “Idade Nova”. Absolutamente tudo se aproxima a esta num pé de igualdade, desde os conhecimentos ancestrais dos curandeiros da Rússia ou da América Latina, até a reinterpretação da física quântica⁸ à luz do Budismo, passando pelas massagens holotrópicas⁹, a medicina ayurvédica¹⁰, o *I-tching*, a psicologia transpessoal¹¹, a mística dos números, o mapa astral¹², os poderes ocultos, o channeling¹³, o reiki¹⁴, o salto em faixa elástica¹⁵, e tantos outros: a lista está longe de ser exaustiva.

Os pontos comuns que justificam uma certa relação entre estas proposições, às vezes contraditórias, estabelecidas na fachada do grande supermercado dos novos “conhecimentos” que se confundem com novas convicções, podem se resumir em alguns axiomas que nós propomos em oposição ao modelo modernista.

Modernidade	Pós-modernidade
Um universo criado e a concepção teísta de Deus.	Uma concepção holística e monista do universo; um panteísmo emanacionista.
Uma distinção clara entre fé e razão.	Primazia da intuição, da experiência individual; rejeição do dualismo da sabedoria natural e revelada.
Um homem em construção, em via de perfeição natural.	Um antropólogo teúrgico (auto-divinização do homem).
Uma distinção clara matéria-espírito.	Um energetismo cósmico e antropológico [a doutrina dos 7 corpos “sutis” ou “ocultos” incluindo a dimensão espiritual (espiritualismo)].
O mito do progresso em direção a cidade ideal.	O mito do retorno às origens (tradicionalismo), da ressonância na não-dualidade.
Uma moral normativa fundada numa concepção racional de Deus.	Síncretismo religioso e relativismo ético (amoralismo) conduzindo a erguer a “tolerância” em valor supremo.
Uma epistemologia realista e crítica.	Tendência ao idealismo encobrindo a distinção real-virtual-imaginária; acriticismo.
Exaltação da técnico-ciência ao desprezo do ambiente.	Retorno à natureza; ecologia das profundidades; divinização do planeta e sacralização das forças da natureza.

Uma transição revolucionária

Mais do que uma evolução, trata-se de uma revolução que se operou nos anos agitados entre 60 e 70. Sem perceber que seu movimento estava preparado há tempo pelos filósofos – denunciados como “os ideólogos da razão” a serviço da burguesia – os contestadores da época fizeram apenas inverter uma colocação oscilante sob pretexto de “revolução cultural” [Mao Zedong (1893-1976)] ou de ideal revolucionário [Ernesto Guevara (1928-1967), diz o “Che”]. A “contra-cultura” não inventou nada, mas deu o toque inesperado à modernidade a fim de permitir a um outro paradigma, secretamente presente, de se impor em pleno dia.

Os primeiros frutos são bastante decepcionantes: a “*baba cool cultura*”, com sua tendência para as drogas psicodélicas e seus agrupamentos de massa (Woodstock, agosto de

1969, que Bruce Cook chamou o “primeiro congresso eucarístico da religião do rock”) não deixaram uma lembrança inesquecível. O que não significa que a reflexão estava ausente: O existencialismo ateu de João Paulo Sartre (1905-1980) triunfa no momento das grandes reações anti-militares (contra o Vietnã nos E.U.A., principalmente em Berkeley; e contra a guerra na Argélia: Paris, maio de 1968). Podemos até mesmo dizer que esta geração – eu fiz parte dela – terá uma bulimia filosófica, nem sempre muito clara é verdade, ou antes guiada por um *a priori* redutor que já poderíamos chamar de “desconstrução”, mesmo se este termo é mais atrasado.

O estruturalismo vai reduzir o homem a um elo de relações entre os elementos dos sistemas aos quais participa: o indivíduo emerge

- estruturas do inconsciente: Jacques Lacan (1901-1981),
- estruturas econômicas e sociais: Louis Althusser (1918-1990),
- estruturas da linguagem: Emile Benveniste (1902-1976),
- estruturas da parentela: Claude Lévi-Strauss (1908).

O fundamento cartesiano da filosofia é também posto em ruína: o pensamento seria apenas

- a expressão camuflada da libido: Sigmund Freud,
- o resultado da ação da ideologia dominante: Karl Marx (1818-1883),
- a indicação de uma vontade poderosa que tenta impor-se: Friedrich Nietzsche (1844-1900).

Os covéis do túmulo de Deus devem unicamente levar suas pás para cavar a fossa do homem. A conclusão lógica deste trabalho de trincheira poderia ser apenas a constatação do absurdo de uma vida da qual todas as proposições de sentido seriam somente produtos dos mesmos sistemas, projetando-se de maneira ilusória num futuro sem futuro [Albert Camus (1913-1960); Eugene Ionesco (1912-1994); Samuel Beckett (1906-1989); Bertold Brecht (1898-1956)].

3 - UM VASTO CANTEIRO DE DEMOLIÇÃO

Um muro que cai derrubando muitas utopias

Não pretendemos, evidentemente, que os anos 60-80 já façam parte da pós-modernidade. Para utilizar uma linguagem emprestada às termodinâmicas não-lineares de I. Prigogine, diríamos antes que se trata da fase caótica que precede a aparição de uma nova estrutura depois da dissolução da antiga.

A efervescência revolucionária tem um único tempo: a liberação da União Soviética, lançada em 1985 por Mikhaïl Gorbachev e a queda do muro de Berlim.¹⁶, em 9 de novembro de 1989, vão quebrar o elã utópico para um Comunismo universal.

Termos tais como a “ação”, o “compromisso”, a “luta”, que estavam no centro de todos os slogans relativos aos acontecimentos de maio de 1968, desapareceram como por encanto do discurso político, que com o decorrer dos anos se tornou cada vez menos subversivo. Os líderes das barricadas integraram discretamente os lugares desta burguesia tão depreciada e, por um retorno surpreendente de pêndulo, a pós-modernidade vai se instalar numa espécie de inércia desiludida.

Um descomprometimento frustrado

O descomprometimento sindical, o desinteresse pela política, contrastam singularmente com a efervescência que tinha caracterizado os anos anarquistas que tinham precedido esta calmaria. O que aconteceu? A decepção diante da realidade de gulag é suficiente como causa explicativa?

Ou mais radicalmente precisaria tornar evidente que se nós retiramos do homem suas razões de esperar – implicando a abertura sobre a Transcendência – nós o condenamos cedo ou

tarde ao imobilismo – por que, em vista de quê agir se tudo é absurdo? – em seguida à regressão narcísica em si mesmo.

A pós-modernidade tira simplesmente as consequências lógicas das doutrinas que a geraram. O individualismo é fruto de uma falta de esperança que não ousa se exhibir em pleno dia, mas que se trai nas estatísticas, as do suicídio por exemplo.

A desconstrução das instituições

Descontente de receber a herança das correntes redutoras do tipo estruturalismo, a pós-modernidade prossegue o esforço e impulsiona mais distante seu trabalho de demolição.

De acordo com o pós-modernista Mark C. Taylor¹⁷: “*no centro do pós-modernismo está a demolição*”. “A incredulidade para com os *métarécits*” [Jean-François Lyotard (1924-1998)] estende sempre mais longe seu ceticismo: a razão, o progresso, a ciência, a política, a moral: nada escapa à “destruição”¹⁸. Trata-se de “desfazer, decompor, desedimentar” as estruturas quaisquer que sejam: filosóficas, políticas, sociais, institucionais em geral.

A desconstrução da linguagem

O termo é associado a Jacques Derrida (1930 -) que faz sua crítica sobre o meio de comunicação por excelência: a linguagem. Ora de acordo com nosso autor, toda linguagem é temporária e relativa. O sistema linguístico define seus próprios referentes transcendentais aos quais recorre o sentido que ele auto-gera. Seria então vã – da ordem da “ilusão transcendental” como diria E. Kant – dar a estes referentes – o homem, a razão, a história, Deus – um valor objetivo. A linguagem é um jogo ao qual não podemos pedir mais do que permitir uma comunicação que permanece “sensata” entre os membros situando-se no interior do mesmo sistema.

A destruição do sistema social

Jean François Lyotard estende estes princípios ao sistema social, para “demonstrar” que não tem uma “verdade” objetiva, não existe logos transcendente às convenções internas do sistema que a define. Lyotard expressa uma suspeita fundamental contra as “metanarrativas”¹⁹. Toda asserção de verdade é um produto social e válido somente dentro deste sistema preciso. “O mundo é um texto”.

Governos, concepções do mundo²⁰, tecnologias, histórias, teorias científicas, os costumes sociais e as religiões são todos construções sociais. Não há “logos” transcendente, nenhum sentido objetivo... somos encarcerados na “prisão da linguagem”.

A destruição da ética

Michel Foucault continua este trabalho a nível ético, desestruturando toda normatividade em particular ao nível do comportamento sexual, a referência da suposta lei natural sendo, segundo ele, apenas o argumento ideológico usado por aqueles que detêm o poder.

Todo sistema, toda metanarração expressa uma vontade de poder. Segundo ele, não existiria normatividade sexual, somente a imposição injusta da vontade dos heterossexuais mais numerosos sobre os homossexuais menos numerosos.

A desconstrução parece ser o pleno resultado da trans-avaliação *nietzschéenne* dos valores. De acordo com Foucault, a “suposta verdade” é simplesmente perseguição ideológica por parte daqueles que detêm o poder.

Um certo movimento feminista, representado por Simone de Beauvoir, teve um papel importante nesta evolução. O feminismo pode ser visto de maneira positiva como a defesa dos direitos da mulher; mas, isto também pode se tornar uma expressão poderosa de desconstrução,

com seu lado negativo de aniquilamento do patriarcado, isto é, o desmantelamento do sistema familiar fundamentado sobre a autoridade e a responsabilidade do pai pela defesa, a manutenção e o bem-estar da família, estrutura milenar e bíblica que está na base da civilização ocidental e da civilização humana simplesmente. O patriarcado – de origem bíblica – é o pecado original.

Através destas idéias, é antes de tudo a normatividade da ética bíblica sexual que é visada e condenada explicitamente.

A destruição da teologia

A descoberta de uma biblioteca gnóstica em 1945 e sua publicação nos anos 70 forneceu uma fonte de textos pseudo-cristãos que permitem, hoje, a um certo número de biblistas americanos de desconstruir as limitações do Cânon ortodoxo e histórico.

Nos Estados Unidos, algumas vozes se elevam pretendendo que a mais significativa contribuição da ciência neo-testamentária americana seja a admissão no Cânon cristão do Evangelho gnóstico de Thomas. Graças, sobretudo, aos Americanos, está se criando uma nova Bíblia para um novo mundo.

James M. Robinson, um antigo Pastor reformado, fala de uma nova forma de cristianismo, uma mistura de ortodoxia e de gnosticismo.

A destruição de Deus

A essência própria da desconstrução pós-moderna é bem religiosa. O verdadeiro alvo é a visão do mundo cristão.

Mark C. Taylor chama a desconstrução “hermenêutica da morte de Deus”. Em 1974, David Miller anunciava a realização da profecia nietzschéenne sobre a morte de Deus; não a morte dos deuses, mas a morte do Deus da Bíblia. Ele acrescentava que com a morte de Deus, os deuses e as deusas do paganismo deveriam renascer. Dos funerais de Deus nascerá o politeísmo.

O século vinte e um será espiritual e mesmo religioso, mas trata-se de um outro deus, o deus pluriforme e humano do paganismo clássico.

Aqui estão alguns exemplos:

- Nos Estados Unidos, em 1993, o Parlamento das religiões do mundo se reuniu com 6.000 representantes de 125 religiões. Sobre o estrado estavam os representantes do protestantismo, do catolicismo, da ortodoxia, do judaísmo e do Islão liberais, misturados com Padres hindus, budistas, zen, janistas, animistas americanos e africanos, sikh²¹, bahá'í¹², zoroastrian²², e dos gurus da Nova Era, dos ecologistas, dos panteístas, dos teosóficos, dos xamanistas, das bruxas e dos adoradores da deusa Ísis do Egito, todos lá para celebrar sua comunhão profunda: uma “panela de sopa”²⁴ sincretista de religiões dispostos a prestar conta da religiosidade de nosso planeta.

- No mesmo ano, 2.000 mulheres presbiterianas e metodistas se reuniram para re-imaginar a fé cristã. Durante os três dias do encontro, elas nunca empregaram o nome de “Pai” para Deus, nem de “Filho” a Cristo. Elas prestaram um culto eucarístico à deusa Sofia, com elementos de leite e mel – elas zombaram do sacrifício da cruz, achando o pão e o vinho impróprios – e o culto terminou com o ato sacramental último, a mastigação da maçã.

- Ainda mais pagã, a festa anual do Homem Incendiado no deserto de Nevada, em 1997; 17.000 pessoas se encontraram para prestar um culto a Satanás. Elas pediram ao “Pai Satanás”

levá-las com ele ao inferno. Em seguida, para concluir as celebrações, o Homem Incendiado, um homem de 20 metros de altura, foi queimado em efígie.

- O atual best-seller da ficção, *Talking to Heaven*, de James Van Praagh, desenvolve temas tais como: o espiritismo, o ocultismo e a prática da necromancia para os Americanos.

Assim, dois movimentos diferentes mas paralelos e complementares mudaram profundamente o Ocidente dito “cristão”. A revolução social dos anos 60 questionou pontos inteiros de nossa cultura e a análise pós-moderna destruiu muitas outras. Uma sociedade desconstruída está numa situação precária; está a espera da reconstrução.

4 - A RECONSTRUÇÃO NEO-PAGÃ

Uma escatologia otimista

A abertura suscitada pela desconstrução chama uma nova plenitude religiosa. O politeísmo, em particular, é o ponto de encontro: os deuses e as deusas do antigo paganismo estão bem, no seio do terceiro milênio.

A reconstrução vê-se honestamente otimista: Helena Cixous, porta-voz do movimento pós-moderno, se expressa em termos quase religiosos, falando de seu trabalho. Ela busca traçar “*um retrato de Deus, isto é, um retrato de nossa própria divindade, nosso próprio mistério*”.

Em sua obra *O Homem Deus ou o sentido da vida*, Luc Ferry fala de uma “*fé prática*” de uma “*espiritualidade leiga*” e do inferno moderno, “*a solidão de um universo sempre privado de significado*”. Como falar de espiritualidade e de sentido num mundo “desconstruído”, pós-moderno? Apesar de toda a desconstrução, o sentido e o espiritual estão de volta: “*O lado espiritual do humanismo... deve assumir um certo reinvestimento do vocabulário, uma reestruturação do religioso*”. Nosso autor afirma também que “*é no coração dos homens que é preciso, daqui em diante, situar o divino*”, pois, “*a humanidade divina é eterna*”. Surpreendendo uma sociedade leiga e oficialmente materialista, este tipo de discurso corre o risco de tornar-se uma nova forma do antigo gnosticismo.

Em busca de um mito fundador

O Dr Peter Russell – um perito em meditação transcendental, empregado por IBM, Shell, BP, a Barclay’s Bank, DEC – anuncia seriamente, através das mensagens de um guia – espírita, que uma “nova vibração desce sobre o planeta, assinalando um momento de renascimento”.

Para David Miller, professor de religião da Universidade de Siracusa, “libertado do imperialismo monoteísta, o homem tem enfim, a possibilidade de descobrir novas dimensões escondidas nas profundidades da realidade”.

A grande abertura, resultado da desconstrução radical, exige um novo “grande relato”, originária de uma desconstrução “mística”, uma pós-modernidade, de acordo com David Tracy, professor e teólogo católico progressista da Universidade de Chicago, bem próximo do Budismo e do Mestre Eckhart.

O místico hindu Swami Vivekananda profetizou no primeiro Parlamento das religiões mundiais, em 1983, a colocação em prática de uma sociedade feita da ciência e do socialismo ocidentais e da espiritualidade indiana.

O triunfo do naturalismo

A nova unidade é tão totalitária quanto os grandes relatos desconstruídos do passado. O que os desconstrutivistas detestavam, a saber, “a hegemonia de um único modo de pensar e de ser, se acreditando universalmente válido” não desaparece, como esperaram os

desconstrutivistas. Ela muda de forma. A pretensão verídica do teísmo cristão é agora a pretensão do monismo pagão.

A verdade não é mais revelada do exterior, mas emana da experiência humana, a experiência fundamentada no misticismo da unidade pagã com todas as coisas. Esta verdade não está em livros sagrados, mas na alma humana.

Nada de novo sob o sol: o gnosticismo já havia atacado a Igreja nos primeiros séculos de nossa era; mas desta vez, ele se apresenta com um programa tão vasto quanto o planeta.

Nos Estados Unidos se aperfeiçoa uma nova visão unitária e unificadora para o mundo. Mikhaïl Gorbachev criou, há quatro anos, um organismo, “*O Fórum estado do mundo*”, que reuniu em São Francisco centenas de “especialistas” mundiais da política, da ciência e do comércio. Seu organismo é apoiado financeiramente por um certo número de empresários entre os mais ricos do mundo. Gorbachev quer salvar o planeta de todas as crises ecológicas – o que é válido – e ele acredita que temos apenas trinta anos antes que o planeta seja destruído.

Considerando que o problema é enorme, Gorbachev propõe um novo sistema de valores, os novos “Dez mandamentos” fundados num coquetel sincretista de cristianismo social, de budismo e de democracia ocidental e/ou empregando a sabedoria comum a todas as religiões do mundo.

Resumindo, o novo paganismo tem uma escatologia urgente e uma real dimensão religiosa mas profundamente não-cristã. Aqui, a religião e a política se unem num programa planetário concreto e comum, muito bem financiado à moda americana.

A espiritualidade da deusa

Especificamente nos Estados Unidos, esta nova ortodoxia religiosa aparece na noção da adoração da deusa. O ventre circular desta expressa muito bem a inclusão unificante e circular do monismo planetário. A deusa simboliza a consubstancialidade do humano com o divino, noção essencial do paganismo, a saber, a divindade de todas as coisas, tudo isto ligado ao programa explosivo do feminismo. É assim que se fala do “retorno da deusa” ou da entrada em breve no milênio de *Sofia*, onde todos os povos e todas as religiões estarão reunidos em torno do feminino divino.

5 - É TEMPO DE REAGIR

Dispensar-se de Deus, privar-se das certezas tradicionais, é lançar-se numa aventura indefinida e preocupante.

Parece que, por um reflexo natural, indivíduos e sociedades tentaram se proteger substituindo as crenças desacreditadas ou recusadas, por novos dogmas e novos catecismos, aqueles das religiões sem transcendência, comumente reagrupada sob o nome de “Nova Era”. Na *A tentação do Ocidente*, André Malraux fez um chinês escrever a seguinte carta, enviada a um amigo europeu: “*Para destruir Deus, e depois de tê-lo destruído, o pensamento europeu aniquilou tudo o que podia opor-se ao homem: ao fim de seus esforços, não encontra outra coisa senão a morte. E jamais realizou descoberta tão inquietante*”.

O crítico de arte francesa, Michel Seuphor também lamentava este vazio espiritual, que ele percebia como uma busca de substituto da religião. Ele escreveu em “O estilo e o grito”: “*Parece-me que o âmago do drama contemporâneo deve ser buscado no fato de que a religião viu seu poder diminuir singularmente enquanto que a necessidade de refrigério espiritual se encontra fortemente aumentada pela precipitação do ritmo de vida, pela desordem intelectual, pelo crescimento das disciplinas, das responsabilidades. O homem moderno se sufoca em si mesmo. O antídoto, o refrigério indispensável que se oferece ao homem moderno quando a religião falhar, é a arte. Esta substituição da religião pela arte é um fato real e constante. Quem não visitou lugares de orações um pouco perdidos para o culto, mas cheios de turistas vindos em multidão para contemplar uma marquise românica, um perfil de coluna? Na admirável Igreja da Madalena, em Vézelay, eu não vi dez pessoas na Missa, domingo. Mas toda a semana, os*

Monges da Pedra-que-Vira, Abades da paróquia, tinham muita coisa a fazer da manhã à noite para guiar as intermináveis caravanas de turistas pela basílica e explicar o sentido das marquises, dos sinos, até mesmo dos mais simples ornamentos, à multidão de novos fiéis, frequentemente de short, jamais endomingados, mas insaciáveis deste novo tipo de Missa”.

Uma sociedade não pode subsistir sem um mínimo de “transcendência social”. Na realidade, esta transcendência não é mais assegurada, nem pela divindade, nem pelos valores, ou o sentido da história que lhe foram sucessivamente substituídos.

A Nova Era, esta nebulosa místico-esotérica que pretende substituir o Deus bíblico, está longe de ser o melhor que já acolhemos no seio de nossa cultura. Não é sobre este sincretismo sem gama metafísica que reconstruiremos a esperança no futuro.

A fronteira entre o real e o imaginário é constantemente deslocada; ela se tornou este ponto permeável mostrando que os dois mundos não estão mais deveras separados: as crianças escrevem à Senhora Rowling para saber o que era necessário fazer para se inscrever a Poudlards (Harry Potter) e os Americanos cruzam o Atlântico para visitar São Sulpício, em busca de indicações que permitam resolver o enigma do código Da Vinci (Dan Brown).

Não é tarde demais: nunca é tarde, pois, Deus cuida de seus filhos. Mas, Ele quer precisar de você e de mim para ser testemunha da esperança. Nenhum ser humano é uma “paixão inútil”: afirmar isto seria tornar inútil a paixão de Cristo! O homem é o filho predileto de Deus que o criou à sua imagem e não se cansa de chamá-lo, depois de ser desgarrado pela via do pecado, a voltar-se para Ele pelo caminho do Evangelho.

Se nossos contemporâneos ignoraram o homem, é porque eles desviaram seus olhares da face de Cristo que nos revela a verdade sobre Deus, a verdade sobre o homem e a verdade sobre o sentido de nossa vida. Chamados à existência por um Deus de amor, é n’Ele que encontraremos nossa plenitude, graças a Jesus Cristo Nosso Senhor a quem deve ser dado toda honra e toda a glória pelos séculos dos séculos.

Padre Joseph-Marie VERLINDE
Fraternidade Monástica da Família de São José

Notas

¹ O Fundo de Pesquisa Científica tem por missão sustentar e desenvolver a pesquisa científica fundamental.

² Antologia da poesia espanhola e hispano-americana, Madrid, 1934

³ A Study of History, Oxford, 1947

⁴ Novalis (1772 -1801); Fr. Schleiermacher (1768-1834)

⁵ A. Y. Anquetil-Duperron, Avesta (1759), Upanishad (1786); Fr. M. Müller, Rig Veda (1846)

⁶ A filologia e o estudo da língua de uma civilização para a análise de seus textos.

⁷ Quinet, Gênio das religiões, 1824

⁸ Apelação geral de um conjunto de teorias físicas nascidas no século XX

⁹ Massagens de bem-estar tendo por objetivo reencontrar sua plena identidade

¹⁰ Oriundo da tradição indiana, a ayurveda “ciência da vida” é sem dúvida a mais antiga medicina do mundo. O tratamento é fundado sobre a dietética, as massagens, o yoga, a respiração...

¹¹ A psicologia transpessoal se interessa aos “estados não ordinários” de consciência: o êxtase, o sentimento de conexão com o Universo, a consciência aguda de seu ser profundo, o misticismo...

¹² A viagem astral faz referência ao fenômeno vivido por um ser humano que tem a sensação que seu espírito se dissocia de seu corpo físico e que assim, pode evoluir separadamente desta no tempo e no espaço, durante um tempo indefinido.

¹³ Esta palavra significa que mensagens são enviadas do plano espiritual para guiar os humanos para uma vida ou um futuro melhor. Este fenômeno parece em certos momentos a medianidade.

¹⁴ O reiki é um método de cura mágico sobrenatural com menos ritos, imposição das mãos...

¹⁵ Experiência esportiva para sensações extremas

¹⁶ Construído em agosto de 1961.

¹⁷ “...deconstruction is the postmodern raised to method”

¹⁸ É interessante notar que os teóricos reconhecidos da pós-modernidade são quase exclusivamente Franceses, seja de nascimento: Lacan, Foucault, Lyotard, Bataille, Maurice Blanchot, Luc Ferry; seja porque eles escolheram a França como país de adoção: Derrida, Kristeva ; seja porque eles escrevem em francês: Irigaray.

¹⁹ Grandes relatos estruturados (forma literária)

²⁰ “World view”

²¹ Religião monoteísta fundada no norte da Índia no século 15

²² Seita herética fundada em 1844 no Irã

²³ Religião monoteísta fundada durante o 1º milênio antes de Jesus Cristo na atual Turkménistan ocidental.

²⁴ Assimilação das diferenças para não formar mais que um e único todo.

VISITA DOS SUPERIORES

Mère Evelyne Franc
e Irmã Wivine Kisu, Conselheira geral

Visita da Província da África Central
28 de julho - 5 de agosto de 2007

No dia 28 de julho de 2007, a Província da África Central teve a alegria de acolher Irmã Evelyne Franc, Superiora geral e Irmã Wivine Kisu, Conselheira geral, que vieram visitar os dois países que compõem a Província: Ruanda e Burundi.

NO RUANDA

No dia 29 de julho, na Casa Provincial, mais da metade das Irmãs, em particular, as Irmãs Serventes e as Irmãs jovens, estavam presentes para partilhar desta alegria. A Eucaristia presidida pelo Responsável regional dos Lazaristas, o Padre David, abre a jornada. Na sala de reunião, uma palavra de acolhimento seguida pela apresentação da Província feita por Irmã Sabine Iragui, Visitadora: *“Para nós, a visita da Superiora geral é um sinal da divina Providência”*. A Província conta com 62 Irmãs de 9 nacionalidades: 41 africanas e 21 missionárias *Ad gentes*. Em seu discurso, Notre Mãe nos encoraja e interpela: *“A vida comunitária ancorada em Cristo testemunhada por vocês e a superação de todo nacionalismo é um belo exemplo para a Companhia inteira. Cada Irmã é dádiva para o serviço de Cristo nos Pobres e esta convicção faz a força de vocês. Vocês mostraram a capacidade de perseverança que têm depois de tantos problemas enfrentados pela região dos Grandes-Lagos; continuem testemunhando ao povo que viver juntas apesar das diferenças é algo possível... O serviço dos pobres é prioridade, mas tentem equilibrá-lo com a vida de oração e a vida comunitária”*. Em seguida, uma Irmã apresentou através de um Power-Point as casas e os serviços das Irmãs. Por sua vez, Irmã Evelyne projetou um outro Power-Point sobre a Companhia hoje. Para expressar sua alegria, as Irmãs jovens propuseram brincadeiras, canções e danças da região.

A tarde foi dedicada para o encontro com as Irmãs através de grupos: Irmãs Serventes, em seguida, as Irmãs jovens e as outras. Notre Mère convidou todas as Irmãs a reforçar a unidade de vida e a subsidiaridade, a colaborar na elaboração dos projetos, a participar com o mesmo entusiasmo das Assembléias que se aproximam como foi feito por ocasião das precedentes: *“Se somos livres para amar, daremos o que há de mais precioso aos pobres”* diz ela para terminar.

Pouco tempo, mas uma longa peregrinação

No dia 30 de julho à tarde, Notre Mère encontra-se com o Arcebispo de Kigali, no seu retorno, o Conselho provincial se reúne e apresenta-lhe as realidades da Província. Finalmente, ela visita a Comunidade de Nemba e o Hospital onde as Irmãs trabalham.

No dia seguinte, Irmã Evelyne visita as Escolas: materna e profissional de Kicukiro. Ela fica impressionada com a alegria das crianças e das meninas que se expressam através de músicas e danças do país. Em seguida, visita os serviços e admira a dedicação das Irmãs.

À tarde, Irmã Evelyne, Irmã Wivine e Irmã Sabina visitam:

- O Lar Social para as meninas pobres de Nyamirambo. Notre Mère encoraja as jovens a se tornarem mulheres de esperança para a sociedade de amanhã.

- O serviço das “crianças de rua” chama os meninos de: os “corajosos” e as meninas de “valentes”. Ainda ali, as visitantes apreciam os serviços prestados e as pequenas profissões ensinadas no Centro que permitem aos jovens dar um novo rumo à vida.

No dia 1º de agosto, as três visitantes partem para o Oeste a fim de se encontrarem com as Irmãs da Comunidade de Musango e as de Mukungu.

Em Musango, visita os serviços: Centro de Nutrição para as crianças, dispensário e tratamento aos pacientes de Aids.

Em Mukungu, visita dos serviços da missão: Centro de Saúde, Centro de Nutrição, Serviço Social, alfabetização e cuidados aos doentes de Aids. As Irmãs da Comunidade de Musango vieram nos acompanhar para a Eucaristia presidida pelo Abade Mendiondo que, nos anos 70, solicitou as Filhas da Caridade para a missão de Ruanda. No dia seguinte, na Igreja, a Eucaristia reúne os cristãos da paróquia que vieram para saudar Notre Mère e Irmã Wivine para agradecer-las pela presença das Irmãs neste lugar tão distante.

No dia 2 de agosto, visita das duas Comunidades do Sul:

- A “Divina Providência” de Butaré onde as Postulantes se formam e vários serviços dos pobres são desenvolvidos: Centro Educacional para os órfãos, acompanhamento das famílias dos doentes de Aids. Estes doentes trabalham em colaboração apoiando-se e ajudando-se mutuamente. Estes agradeceram Notre Mère pela generosidade das Irmãs. Por sua vez, Ela os encoraja dizendo: *“Vocês me deram uma boa lição de coragem, de energia e de solidariedade. Quando sabemos que estamos doentes, a moral cai à zero, mas quando nos unimos e nos encorajamos, tudo muda. Prometo guardar em meu coração a alegria, a criatividade e a solidariedade de vocês”*.

- O orfanato Santa Isabel onde as crianças esperavam por Notre Mère desde a manhã. Irmã Evelyne admira a vida desta grande família, a atmosfera de respeito e de ternura.

Finalmente, à noite, reúne-se com as Postulantes que animaram a noite com danças do país. Notre Mère dirige-lhes esta mensagem: *“Estamos todas em marcha, mas a de vocês é aquela que precede uma grande decisão. A abertura de coração é muito importante para se bronzear sob o sol de Deus, a abertura entre vocês e aquelas que as formam é também imprescindível para o crescimento de cada uma. O mundo de hoje precisa de Filhas da Caridade coerentes”*.

NO BURUNDI

No dia 3 de agosto, as visitantes chegam ao Burundi, na Comunidade de Rwisabi onde a Família Vicentina as recebe cordialmente. Depois da refeição fraterna, visita da Comunidade dos Lazaristas e dos serviços dos pobres: Centro de Saúde, Centro de Nutrição e Lar Social. Encontrando-se com as Irmãs da Comunidade, Notre Mère insiste na colaboração com a Família Vicentina e a promoção dos pobres.

O programa indicava: “Ruzo... se possível”. Pois bem, a Deus nada é impossível. Assim, no dia 4 de agosto, a Comunidade de Ruzo no Burundi teve a imensa alegria de acolher Irmã Evelyne e Irmã Wivine. Depois de calorosas saudações, foi o acolhimento das crianças do Jardim de infância. Embora estivessem de férias, elas vieram para esta bela circunstância, animar a festa com seus cantos e danças típicas. Por sua vez, os membros da Juventude Marial manifestaram sua alegria e reconhecimento por esta visita. Notre Mère prometeu rezar nas intenções de cada um na Capela da Casa-Mãe. Em seguida, visita do Centro Artesanal. Irmã Evelyne expressa sua surpresa diante do nível tão fraco dos alunos, a taxa elevada de analfabetos e os avanços alcançados graças ao acompanhamento personalizado de cada aluno. Em seguida, visita do

Centro de Saúde, dos locais e, sobretudo, dos doentes hospitalizados que tiveram o reconforto do sorriso e da atenção de Notre Mère. Na volta, curta visita à Igreja paroquial.

Depois da refeição, encontro comunitário onde nós evocamos alguns problemas referentes aos mais necessitados que nos excedem e são realmente para cada uma de nós “nosso peso e nossa dor”. Irmã Evelyne nos escuta atentamente e toma parte em nossa preocupação.

Em Bujumbura, numa Comunidade recentemente fundada, Notre Mère chega no dia 5 de agosto. Ela conversa com os membros da Comunidade e insiste na animação espiritual da Comunidade pela Irmã Servente.

Ao final desta permanência, Irmã Sabina, Visitadora, dirige à Irmã Evelyne uma palavra de agradecimento em nome de todas as Irmãs da Província. Em seguida, é a partida.

A visita rápida, porém muito intensa de Notre Mère nos fez dar um salto na consciência de nossa pertença à Companhia e no espírito de nossa vocação, para nós ela foi um exemplo de humildade, de simplicidade e de caridade e agradecemos ao Senhor por tanta generosidade. Nós a asseguramos nossa oração.

As Irmãs da Província da África Central

ESPECIAL DA BEATIFICAÇÃO

Irmã Marta Wiecka

Beatificada, 24 de maio de 2008

Na Ucrânia, no cemitério de Sniatyn, uma sepultura sempre decorada de flores, luzes e tecidos bordados – de acordo com a tradição do país – atrai muitos cristãos. Católicos, ortodoxos, judeus... todos estão convictos de que a Irmã enterrada lá, há cem anos, é uma Santa: eles a chamam Matuska “Boa mãe” e vêm confiar-lhe suas preocupações diárias, persuadidos de que ela as apresentará a Deus como o fazia quando estava entre eles.

QUEM É MATUSKA?

Irmã Marta Wiecka – é seu nome – nascida no dia 12 de janeiro de 1874 em Nowy Wiec, na Polônia, numa família numerosa e profundamente cristã. Marta era a terceira de treze filhos. Ela foi batizada no dia 18 de janeiro de 1874, na Igreja paroquial de Szczodrowo e recebeu o nome de Marta Anna. A oração diária era feita em família, assim como a leitura da Palavra de Deus. A casa da família estava aberta a todos: podia-se aí reabastecer-se no plano da fé e do patriotismo. Marta fez sua primeira comunhão no dia 3 de outubro de 1886, tinha doze anos e já uma grande maturidade para sua idade. Na escola, tinha uma influência positiva sobre seus colegas, por suas palavras e, sobretudo, pelo exemplo de sua vida.

Aos 15 anos, seu futuro se esclarece: ela se sentia chamada por Deus. Ela escreveu ao Padre Dabrowski, seu diretor espiritual, depois às Filhas da Caridade de Chelmino, para pedir sua admissão na Companhia. Em resposta, recebeu um convite para passar o Natal. Com a permissão de seus pais e cheia de alegria, Irmã Marta passou o Natal de 1890 com a Comunidade das Irmãs de Chelmino. Ao retornar à sua casa, ela disse com um pouco de tristeza: “*Eu bem que gostaria*

de ficar, mas sou muito jovem e a Irmã Visitadora me pediu para esperar ainda dois anos”.

Alguns meses antes de tomar a decisão de entrar na Companhia, Irmã Marta soube que sua amiga, Monica Gdaniec, desejaria seguir o mesmo caminho. No entanto, em razão da situação política, Monica não podia ser admitida em Chelumno e a Visitadora lhe propôs ir junto às Filhas da Caridade da Província de Cracóvia. Foi assim que, em 1892, Marta e Monica foram admitidas em Cracóvia a fim de fazer sua preparação para se tornarem Filhas da Caridade.

Após quatro meses de Postulado e nove meses de Seminário, Irmã Marta foi enviada em missão junto aos pobres. Em 1893, ela chegou ao Hospital de Lvov. Junto às Irmãs, ela aprendeu a cuidar bem dos doentes e também a ter a preocupação com sua vida espiritual.

Em 1894, Irmã Marta começou seu serviço no Hospital geral de Podhajce. Nesta Comunidade, ela se preparou para os votos, que pronunciou no dia 15 de agosto de 1897.

Em 1899, Irmã Marta foi colocada no Hospital de Bochnia. Este lugar foi para ela um período de provação e de sofrimento. Ela foi caluniada por um doente, um relojoeiro de má reputação. Na mesma sala encontrava-se um doente, um futuro seminarista. Irmã Marta cuidava dele com muita atenção, o que provocou inveja no relojoeiro. Este, saindo do hospital, foi à Casa do Pároco e acusou Irmã Marta de faltar à castidade. O Pároco acreditou no acusador e advertiu o Padre Diretor e a Visitadora que acreditaram na palavra do Pároco. Somente a Irmã Servente, Irmã Maria Chabbo, estava convicta de que Irmã Marta era inocente. Ela consegue deixar Irmã Marta em Bochnia certa de que a mentira seria descoberta. O caluniador compreendeu e para se vingar perseguiu a Irmã Servente e ameaçou tirar-lhe a vida na quinta-feira Santa de 1901. Esta ameaça fez o Pároco refletir e o levou a restabelecer a verdade: Irmã Marta foi inocentada.

No mesmo ano, Irmã Marta viveu uma outra provação, a da morte de seu irmão Franciszek. Por ocasião da visita de um outro irmão, Jan, diácono, a Bochnia, ela lhe confiou ter visto a cruz luminosa de onde Cristo lhe dissera: “Minha filha suporta com paciência todos os sofrimentos e cruces, trabalha pelos teus, logo eu te chamarei para junto de Mim. Teu irmão Franciszek está salvo”.

Em 1902, Irmã Marta chegou ao Hospital de Sniatyn para servir os doentes, mas seu serviço não se limita aos doentes do hospital. Ela colocou sua experiência e sua fé a serviço de todos. Sorridente, cheia de bondade e de paciência, socorria a todos aqueles que tinham necessidades físicas e espirituais.

Tecida de atos de amor, a vida de Irmã Marta termina num ato de amor. Sua caridade sem limites a levou a substituir – bem consciente do perigo que ela corria – um jovem funcionário, pai de família, encarregado de desinfetar o quarto de uma paciente com tífus. No dia seguinte, os primeiros sintomas da doença apareceram em Irmã Marta. Todos os esforços foram feitos para salvá-la. Durante a última semana de sua vida no hospital, os cristãos de diferentes confissões pediram a Deus sua cura.

No dia 30 de maio de 1904, após ter comungado, Irmã Marta mergulha-se numa oração profunda, como se estivesse em êxtase e se apagou na paz.

Irmã Marta Wiecka foi beatificada, no dia 24 de maio de 2008, em Lvov, Ucrânia.

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província da Irlanda

Abertura de um Seminário no Quênia

Um pouco da história

Em janeiro de 2002, as Filhas da Caridade abrem duas casas no Quênia: uma em Chepnyal e uma outra em Thigio. Uma terceira é aberta em setembro de 2004 na região de Nairobi: Chanzo que se torna a casa principal com os serviços administrativos. A responsabilidade da missão no Quênia é assumida pela Província da Irlanda que trabalha em estreita colaboração com as 5 Províncias dos Estados Unidos, da Austrália, da Grã-Bretanha e as Províncias africanas da Eritreia, da Etiópia e da Nigéria. Em janeiro de 2008, esta missão teve a graça de ver 4 jovens quenianas se tornarem Filhas da Caridade.

18 de janeiro de 2008, abertura do Seminário em Chanzo

Quando as quatro primeiras postulantes quenianas foram incorporadas à Companhia como Filhas da Caridade, neste 18 de janeiro de 2008, na capela da casa de Chanzo, em Nairobi, tudo está tranquilo. Considerando que nós estamos na terceira semana de protestos e manifestações políticas que já custaram a vida de numerosas vítimas, aumentou a violência tendo deslocado milhares de pessoas, reina uma tranquilidade desconcertante fora. Neste contexto, a esperança e a alegria das Irmãs do Seminário e da Comunidade reunida para o momento, são um sinal autêntico da harmonia, da paz e da presença de Deus entre nós.

Irmã Catarina Mulligan, coordenadora da missão no Quênia, acolhe Irmã Catarina Prendergast, Visitadora da Irlanda e todas as Irmãs reunidas para a abertura do Seminário Santa Catarina com estas palavras: *“É um dia realmente muito particular para Irmã Margaret Mary [Diretora do Seminário] e para Lawrencilla, Josefina, Rosemary e Lúcia. O Seminário abre hoje com vocês. Vocês são as primeiras Irmãs do Seminário no Quênia; é uma bênção, uma graça e uma responsabilidade”*.

Irmã Catarina Prendergast encoraja as quatro Irmãs do Seminário apresentando-lhes as Constituições e os Estatutos. Com Irmã Margaret Mary Ekanem, ela é testemunha de suas assinaturas do documento de incorporação. A alegria é grande e se expressa especialmente durante a liturgia.

Comentando o crescimento notável da Comunidade depois da chegada das Irmãs em Thigio e em Chepnyal em 2002, Irmã Catarina Mulligan transmite a esperança *“que esta sementinha plantada hoje se torne um dia uma grande árvore onde os pobres e os mais necessitados possam encontrar um abrigo... Rezemos uns pelos outros e pela missão que nos é confiada, e entreguemos seu futuro à divina Providência e à proteção da Virgem Maria, nossa Mãe”*. Como em resposta a esta oração, mais tarde pela manhã, seis homens de Mombasa trazem uma caixa contendo uma estátua da Virgem Maria com o globo. Transportada por barco da Casa Provincial da Grã-Bretanha, enviada três meses antes, esta estátua de Maria esteve durante anos no Seminário de Mill Hill antes desta viagem para o Quênia.

Nesta celebração de abertura do Seminário estavam presentes as 15 Irmãs missionárias, as 3 Postulantes, Irmãs da Eritreia, Etiópia, Nigéria, Congo, Tanzânia e Madagascar, atualmente no Quênia para estudar inglês ou fazer cursos na Universidade de Tangaza.

Recebemos cartas e e-mails de nossos Superiores gerais: Padre Grégory Gay, Irmã Evelyne Franc, Irmã Margaret Barrett e os outros membros do Conselho geral, bem como mensagens das Visitadoras e das Irmãs das Províncias que participam desta missão do Quênia. Todas estas mensagens eram portadoras de encorajamento, de apoio e de orações.

Para o Padre Barry Moriarty, cm, que celebra a Missa, a abertura do Seminário tem uma significação particular, pois, foi um dos que havia pedido aos Superiores gerais no ano 2.000, que

as Filhas da Caridade viessem ao Quênia. Desde então, pudemos constatar a obra da divina Providência através de todos os acontecimentos vividos. A abertura do Seminário tem uma importância muito significativa em nossa caminhada; é um apelo a buscar a inculturação do carisma vicentino na rica terra do Quênia e trabalhar para o crescimento da pequena Companhia na África do Leste. Em meio as trevas que cobrem o Quênia atualmente, brilha a luz de Deus.

Caminhamos cheias de esperança, confiantes de que o Senhor “tem seus desígnios sobre nós, desígnios de paz e não de catástrofe” e confiamos nosso futuro a Maria, Mãe da Companhia.

Irmã Catarina MADIGAN
Filha da Caridade

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província do Peru

150 anos da chegada do carisma vicentino no Peru

“Damos graças a Deus e à Virgem Maria, pela luz do amor iluminada no pobre, pelo espírito de São Vicente e de Santa Luísa que continua vivo através de nós no Peru”. É o que diz o refrão do hino que brota dos membros da Família Vicentina em reconhecimento à divina Providência por lhes ter permitido servir Deus em seus membros sofredores durante 150 anos.

UM POUCO DA HISTÓRIA

Contemplando este itinerário de um século e meio de caridade na missão, aqui estão algumas características mais importantes de nossa história:

Procedimentos para a vinda das Filhas da Caridade

Virgínia Carassa Mena, menina que pertencia a uma família rica da sociedade de Lima, conheceu as obras das Filhas da Caridade na França e em outros países. Bem decidida a seguir Jesus Cristo neste tipo de vida, ela pede ao seu pai, Don Francisco Carassa, membro do Diretório da Beneficência Pública de Lima, a permissão para ir para Paris para entrar na Companhia. Como ele amava muito sua filha, não quer deixá-la partir. Ele recorre a todas as suas relações sociais, políticas e religiosas para fazer as Irmãs virem para o Peru. Os procedimentos são feitos por intermediário do Presidente do governo, o Marechal Ramon Castilla e o Arcebispo de Lima; isto durou mais ou menos dois anos. Solicita-se também os Padres Lazaristas, pois, conhece-se o eficiente trabalho deles na Igreja: organização e formação dos jovens nos Seminários diocesanos, evangelização através das missões populares. Um contrato é assinado em Paris no dia 9 de maio de 1857 pelo Ministro plenipotenciário do Peru, Don Francisco de Rivero, o Padre João Batista Etienne, a Superiora geral, Irmã Montcellet, a Assistente geral e duas Irmãs Conselheiras.

2 de fevereiro de 1858: Chegada das primeiras Filhas da Caridade

Depois de uma longa travessia de 5 meses, o barco que, por coincidência, leva o nome de “São Vicente de Paulo”, chega no porto de El Callao no dia 2 de fevereiro de 1858, festa da Apresentação do Senhor. Entre os viajantes, pode-se contar 2 Padres da Missão, um Irmão coadjutor, 45 Filhas da Caridade. A chegada deles se torna um acontecimento religioso e social. As Irmãs se dirigem para seus lugares de missão: 3 hospitais e um abrigo para as crianças abandonadas. Na Casa Provincial abre-se um centro de formação para Virgínia Carassa que se torna a primeira Filha da Caridade peruana. Ela será seguida por muitas outras. As obras de caridade se desenvolvem depressa: escolas, pensionatos, orfanatos, creches, asilos de idosos,

hospitais, dispensários, visitas a domicílio, etc. As Irmãs também assumem direção da escola enfermagem do Peru. Em seguida, pede-se às Irmãs para assumirem obras no interior do país: Arequipa (1871), Tacna (1874), Trujillo (1875), Puno (1876), Cajamarca (1876). Em 1883, elas partem em missão à Bolívia; em seguida, em Tarma e a Jauja no Peru. Atualmente, a Província compreende 25 Comunidades locais situadas em 15 regiões.

O primeiro grupo de “Filhas de Maria” foi fundado em 1866. A fundação das “Damas da Caridade” data de 1900. Graças aos novos reforços, os Padres assumem os Seminários de Cuzco, Arequipa, Trujillo, Cajamarca, Puno. Rapidamente, percebem que são necessários mais Lazaristas. Estes chegam da Província de Barcelona. Assim, a caridade de Cristo se estende em outras regiões e periferias de Lima. Atualmente, Irmãs peruanas partem em missão Ad gentes na África e Turquia.

15 de agosto de 2007: Terremoto

No meio da preparação do 150º aniversário da Província, Deus prova nosso país e, também, nossa família vicentina, pelo terremoto de 15 de agosto de 2007. O epicentro estando em Pisco, a cidade foi quase destruída completamente da qual uma Igreja que se desmorona enquanto era celebrada aí a Missa. Aproximadamente cem pessoas dentre as quais duas Filhas da Caridade morrem. O celebrante, um Lazarista, sai indemne por milagre. Graças à oração, à solidariedade e o desvelo de toda a Companhia, sem esquecer este doloroso acontecimento, nós continuamos preparando a festa dos 150 anos de presença das Filhas da Caridade no Peru.

9 DE FEVEREIRO DE 2008: CELEBRAÇÃO DO 150º ANIVERSÁRIO DA PROVÍNCIA

Em 7 de fevereiro de 2008, Notre Mère chega com Irmã Blanca Líbia Tamayo, Conselheira geral, para celebrar conosco este aniversário e visitar a Província.

No dia 8 de fevereiro, reunião com o Conselho Provincial, visitas e noite festiva.

Em 9 de fevereiro pela manhã, o Padre Grégory Gay, Superior geral preside a oração por todos aqueles que deram sua vida no serviço de Cristo nos pobres. À tarde, na Catedral de Lima, celebração solene da Missa de ação de graças pelos 150 anos da chegada do carisma vicentino no Peru. Ela foi presidida pelo Arcebispo de Lima: Dom Cipriani Thorne, Primaz do Peru, concelebrada com o Núncio Apostólico, Dom Rino Passigato, o Padre Grégory Gay, Lazaristas, Bispos e Padres amigos. Os membros dos diversos ramos da Família Vicentina estavam presentes. A noite termina com uma festa artística.

O dia 10 de fevereiro foi dedicado à visita da cidade devastada: Pisco e ao encontro com os Padres Lazaristas, as Irmãs e as pessoas atingidas.

No dia 11 de fevereiro, Notre Mère encontra-se com as Irmãs Serventes, as responsáveis pelas etapas de formação, as Irmãs jovens, as Irmãs idosas da Enfermaria. Na Eucaristia presidida pelo Padre Grégory, um grande número de ramos da Família Vicentina estava presente.

No dia seguinte, Notre Mère e Irmã Blanca Líbia viajam para a Bolívia para uma curta visita. De lá, Irmã Blanca Líbia viaja para o Chile e Irmã Evelyne volta para o Peru com a Visitadora da Bolívia onde se encontram com a Visitadora e a Assistente do Equador. Assim as 3 Províncias se reuniram na Casa Provincial que estava bem decorada pelos bonitos ramos de flores oferecidos por várias personalidades eclesíásticas e religiosas.

Chega o momento da partida. Notre Mère toma o vôo deixando para trás uma marca de bondade, de simplicidade, de alegria e de paz. Reconfortadas, dizemos-lhe muito obrigada e um “adeus” cheio de afeição. No dia seguinte, agradecemos também ao Padre Grégory por sua presença tão cordial e encorajadora.

Unidas por um mesmo ideal, estamos contentes de continuar servindo Cristo nos pobres em colaboração com as diferentes congregações e movimentos leigos que se inspiram no espírito vicentino. Agradecemos ao Senhor e a Maria Imaculada por sua presença amável no decorrer destes 150 anos. Que eles continuem nos acompanhando no caminho de nossa missão de “profetas e portadoras de esperança” junto aos mais pobres.

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província da Suíça-Turca

30º Encontro europeu de jovens em Genebra
animada pela Comunidade de Taizé

A Peregrinação da confiança

Da sexta-feira, 28 de dezembro de 2007 à terça-feira, 1º de janeiro de 2008, a cidade de Genebra e as cidades e povoados da região do lago de Genebra foram transformados pela presença festiva e radiante de quase 40.000 jovens (dos quais 30.000 vieram do estrangeiro) que fizeram o deslocamento na confiança. Inúmeros testemunhos dizem o quanto os habitantes ficaram impressionados pela paz que se desencadeou desta multidão em movimento.

Este Encontro exigiu que muitas pessoas abrissem as portas de suas casas para alojar estes jovens. As paróquias dos cantões de Genebra e de Vaud organizaram as reuniões e orações da manhã com uma generosidade extraordinária: tantas pessoas engajadas por seu serviço nesta aventura é uma fonte de alegria e de esperança.

No dia 28 de dezembro, centenas de ônibus trazem à Genebra milhares de jovens da Europa do Leste e do Oeste. Apesar de ter sido uma viagem de vários dias para alguns, os jovens chegam sorrindo sem mostrar cansaço. Eles irradiam a alegria de viver. Os amplos pavilhões do Palexpo (Palácio das exposições) os acolherão diariamente para a oração, os tempos de reflexão e as refeições.

Durante quatro dias, graças à organização excepcional dos Irmãos de Taizé, (presentes em Genebra três meses antes do encontro) jovens de toda parte puderam fazer a experiência da presença de Deus tanto durante os tempos de oração quanto nos momentos de encontro e de partilha.

Foi de uma riqueza incrível tanto em Palexpo, nas paróquias quanto nas famílias onde os jovens foram acolhidos; eles estimularam uma vitalidade benéfica para nossa sociedade materialista. 160 jovens de nossa paróquia de Morges se uniram a eles. O bom humor, a paciência, a atenção a cada um permitiram partilhas e a compreensão, apesar da dificuldade da língua. Foi criada uma verdadeira corrente de amizade...

Numerosas famílias de acolhimento acompanharam os jovens nos tempos de oração tanto nas paróquias quanto em Palexpo. Elas intensificaram a bondade, a cortesia, a boa segurança dos jovens e sua seriedade na caminhada, levando em conta tudo o que lhes tinha sido pedido para viver esta “peregrinação da confiança”. Um casal de idosos sem filhos acolheu três jovens. Não tendo sido encontrado nenhum idioma comum, foi pelo sorriso e os gestos que eles se compreendiam e que se criou uma corrente de verdadeira afeição. No momento da partida, este casal chorou, eles bem que poderiam mantê-los, sobretudo, um deles que havia estado doente.

Uma outra família anulou seu programa de 1º de janeiro para ficar com os jovens até o fim.

Em nossa Comunidade, nós acolhemos três jovens polonesas que nos ofereceram um bonito fascículo sobre a cidade delas, escrito em francês.

Todas as manhãs, os jovens se reuniam para um tempo de oração em comum nas paróquias, em seguida, os 160 pontos de acolhimento da cidade se juntavam para os tempos de intercâmbio.

Ao meio-dia e à noite, eles se reuniam em Palexpo para um tempo de oração em comum.

O último dia de Encontro, 31 de dezembro, depois do tempo de oração em Palexpo, os jovens se reúnem novamente nas paróquias às 23 horas para uma **vigília de oração pela paz**, em comunhão com os povos que sofrem seguida de uma **“festa dos povos”**.

No dia 1º de janeiro, antes da partida, os jovens por sua vez, convidam seus anfitriões para virem visitá-los, deixando seus endereços a fim de manterem contato, não esquecendo a mensagem do Irmão Aloïs: *“Não percamos mais tanta energia em oposições entre cristãos. Reunamo-nos mais freqüentemente na presença de Deus, na escuta da Palavra, no silêncio e no louvor, uma vez por mês ou por trimestre; convidemos os habitantes de nossas cidades, de nossas vilas ou de nossas regiões para uma vigília de reconciliação!”*

De retorno à nossa Comunidade de Morges, nós nos fizemos estas duas perguntas:

O que fazer para não perder tudo o que recebemos?

Como dar continuidade em nossa vida pessoal e paroquial a esta peregrinação da confiança?

Hoje, sobretudo, é uma imensa ação de graças que sobe de nossos corações para Deus!

Irmã Catherine e Irmã Emmanuelle
Filha da Caridade

TESTEMUNHO DE UMA IRMÃ CONVIDADA A PARTICIPAR DO ENCONTRO E ASSEGURAR AÍ UM SERVIÇO DE SAÚDE

Permitam-me partilhar com vocês uma experiência maravilhosa vivida com milhares de jovens e de menos jovem.

Antes deste Encontro dos jovens de Taizé em Genebra, Irmã Marie Bernard Giffard, Conselheira geral, anuncia-me um pedido da Comunidade de Taizé para que uma Irmã da Província da Suíça pudesse assegurar um serviço durante o Encontro. Como Visitadora, não tendo mais Irmãs em atividade para cuidados de enfermagem, minha primeira resposta foi negativa, Mas foi sem contar com a interpelação de uma Irmã da Comunidade dizendo-me: “por que não você?”. E eu embarquei nesta bela aventura. No dia D, conheci o grupo de médicos e enfermeiros de nacionalidades diferentes. Formamos duas equipes que se revezavam de 10h às 22h. Instalamo-nos no local que nos foi designado a Palexpo. Diariamente, jovens passavam regularmente pela enfermaria, em busca de cuidados, remédios, escuta, reconforto. Fiquei maravilhada com o compromisso destes profissionais. Todos eles têm uma experiência de Taizé que os faz viver e se sentirem felizes em dar um pouco de seu tempo e de seus conhecimentos. Há uma boa colaboração com os enfermeiros de Palexpo que ficam sensibilizados pelo desenrolar tranquilo e alegre destes dias. Isto diferencia de outras exposições comuns.

Os tempos de oração do meio-dia e da noite se vivem num recolhimento impressionante. Todas as noites, o Irmão Aloïs, sucessor do Irmão Roger, falava aos jovens mensagens simples que chamavam à reconciliação, à paz: *“É numa comunhão pessoal com o Deus vivo que nós buscamos forças para lutar com um coração reconciliado. Sem uma vida interior, não poderíamos ir até o fim de nossas resoluções. Em Deus, encontramos a alegria, a esperança de uma plenitude de vida. ... o fogo da reconciliação, nós não podemos contê-lo. Ele ilumina um caminho que nos leva a sermos os artesãos de paz perto ou longe”*. (Carta intitulada “Carta de Cochabamba” porque esta foi escrita na Bolívia por ocasião do último encontro de jovens Latino-Americanas).

As principais Igrejas cristãs de Genebra e seus arredores qualificam de “encontro excepcional” o encontro europeu dos jovens de Taizé. O que se passou em Genebra e nas paróquias de acolhimento constitui, segundo eles, *“Uma nova etapa no caminho da unidade dos cristãos e da paz entre os povos... a cidade de Genebra, as cidades e vilas da região genebrina foram transformadas pela presença festiva e radiante destes quase 40.000 jovens que se deslocaram na confiança”*.

Jovens que semeiam alegria e rezam juntos, não trazem qualquer problema de segurança (não vi um único policial durante estes dias) ao ponto que *“os habitantes ficaram impressionados pela paz que se emanou desta multidão em movimento”*. Não há aí uma mensagem? Como escrevia uma Carmelita: *“A esperança está sentada na janela, vocês não a vêem?”*

Dou graças por esta experiência que inflamou de novo as velas da esperança no coração dos participantes e de toda a Igreja da região do lago de Genebra.

Irmã Madeleine SAILLARD
Visitadora

ESPECIAL DO CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE MÈRE SUZANNE GUILLEMIN

Mère Suzanne Guillemin
1906 - 1968

Filha de Deus – Filha da Igreja
Superiora geral da Companhia

VIII – CONTINUAÇÃO DO PERÍODO POS-CONCILIAR

MÈRE GUILLEMIN A SERVIÇO DA IGREJA

1 - PRIMEIRA ASSEMBLÉIA GERAL DA UNIÃO INTERNACIONAL DAS SUPERIORAS GERAIS (UISG): MARÇO DE 1967

Esta primeira Assembléia geral, Mère Guillemin desde o seu retorno de Roma, a relata nos Ecos da Casa-Mãe do mês de maio de 1967. Devido a importância destas reuniões, ela deseja partilhar com todas as Irmãs sua alegria, seu entusiasmo por tudo o que tinha escutado e compreendido para o aggiornamento da Companhia. *“A União internacional das Superiores gerais realizou sua primeira Assembléia em Roma de 1º a 12 de março de 1967, reunindo 95 Superiores gerais vindas de todos os pontos do mundo e representando todas as formas de vida religiosa ativa. A pequena Companhia aí esteve presente na pessoa de sua Irmã Servente que teve a alegria e o dever de partilhar com todas as suas Filhas as graças e as riquezas colhidas durante estes dias de oração e de trabalho”* (Eco p. 173)

ORGANIZAÇÃO DA ASSEMBLÉIA

Esta primeira Assembléia geral foi precedida de 12 meses de preparação. Uma vasta pesquisa foi lançada junto a 2.200 Superiores gerais no mundo. O questionário foi sobre os pontos seguintes:

- O que você espera da UISG?
- Quais temas você gostaria de estudar na Assembléia: formação dos assuntos, adaptação às necessidades do tempo, forma moderna a dar ao testemunho religioso, partilha e cooperação entre congregações.

Em dezembro de 1966, as respostas foram integradas nos pontos do *Motu Proprio Ecclesiae Sanctae* que serão estudados na Assembléia.

Para assegurar o sucesso desta primeira Assembléia, as Superiores gerais de Roma deram sua colaboração ativa a sua contribuição material. Mère Guillemin ofereceu a Casa Maria Immacolata da Via Ezio para a realização desta longa Sessão de 1º a 12 de março de 1967. Os participantes, 20 membros do Conselho geral nomeados previamente pela Sagrada Congregação

dos Religiosos e as 80 delegadas dos países às quais se uniram alguns intérpretes, puseram-se a refletir sobre o aggiornamento da formação religiosa buscando novas orientações.

Mère Guillemin é responsável por um grupo de trabalho de língua francesa. Todas as questões tratadas ou levantadas foram revisadas uma a uma no comitê de coordenação.

DESENVOLVIMENTO DA ASSEMBLÉIA

Abertura

Na véspera da abertura, o “Gabinete de informação” dá em diversas línguas todas as informações desejadas. Um serviço de imprensa foi organizado nos corredores com coleções de livros em diversas línguas.

A Mère presidente abre esta primeira Assembléia geral da União internacional das Superiores gerais, enfatizando o objetivo da União, tal como está expresso no estatuto: colaboração fraterna e eficiência das Superiores gerais de toda a Igreja, em vista de uma partilha em comum de suas experiências, de um estudo dos problemas atuais da vida religiosa e de uma cooperação voluntária dos Institutos para realizações de interesse geral. Ela recorda que os estatutos da UISG deixam compreender o quanto a Assembléia geral é **o ato principal e vital** da União. *“Não estamos aqui para sustentar nossos pontos de vista particulares, mas para buscar em comum o ponto de vista da Igreja em vista de orientar nossa vida religiosa”* diz a presidente.

Discurso de Monsenhor Philippe

O discurso de sua Excelência Monsenhor Philippe, op, demarcou o caminho do capítulo geral especial: **o que é: uma vontade formal da Igreja**. Depois de ter recordado o nascimento da União Internacional das Superiores gerais, em 8 de dezembro de 1965, no mesmo dia do encerramento do Concílio, por um decreto da Sagrada Congregação dos Religiosos e pela nomeação do Conselho geral provisório, ele entra no cerne do tema:

“Um Capítulo geral deve ser um organismo em escala humana... de acordo com a importância do Instituto. Vocês carregarão os problemas e os anseios de seus países respectivos, mas terão em mente colaborar na obra comum que é a renovação da vida religiosa em toda a Igreja. Não pensarão, sobretudo, nos problemas que surgem em seus países... mas, com sua experiência pessoal, pensarão nos problemas que são comuns a todas as religiosas do mundo inteiro.

*... A terceira parte do tema refere-se às **normas para a aplicação do decreto Ad gentes**, a vida das missões. A atenção é voltada sobre as instruções importantes para os Institutos missionários e os Institutos internacionais que têm casas em país de missão...”*

Monsenhor Philippe coloca em evidência uma outra parte importante do decreto: o pedido para depender dos Bispos em tudo o que se refere ao apostolado dos religiosos e religiosas nas dioceses assim como a recomendação aos Bispos de respeitar as exigências da vida religiosa e os fins especiais dos Institutos.

Ele sublinha que o decreto *Perfectae Caritatis* deve ser levado em conta cada vez que o Motu Proprio propõe um estudo.

Ele especifica o método de trabalho: *“é necessário que falem porque são vocês que farão com que esta Assembléia dê seus frutos... Vocês terão à disposição, peritos por idioma. Mas não esperem, nem dos peritos nem de mim, soluções já prontas; são vocês que devem chegar a conclusões e “resultado” claro... com, todavia, uma advertência: “Digo bem “conclusão” e “resultado” e não decisões; à diferença dos Capítulos gerais, esta Assembléia não pode e nem deve tomar decisões que obrigariam as Superiores gerais a aplicá-las em seus próprios Institutos. A UISG está a serviço das Superiores gerais para ajudá-las no exercício de suas*

funções, mas esta não tem nenhuma autoridade legal sobre elas. Portanto, estejam livres, ao retornarem para suas casas, de aplicar ou não os “resultados” da Assembléia”.

Ele termina dizendo: “...as conclusões desta Assembléia são atos colegiais, mas as intervenções de cada Superiora, até mesmo as conferências que várias de vocês farão na Assembléia comprometem apenas elas mesmas...esta é a condição essencial da liberdade de discussão que deve ser a regra de ouro desta Assembléia, como é a de qualquer Capítulo geral. Quando se entra num Capítulo, a discreção exige **que não se revele às Irmãs as intervenções de tal ou tal capitular**. Os Atos oficiais são os únicos que expressam o pensamento colegial do Capítulo”.

TRABALHO DA ASSEMBLÉIA

O tema central da Assembléia geral foi centrado no Motu Proprio *Ecclesiae Sanctae*. Este texto ficou conhecido na Companhia através dos Ecos e dos trabalhos em Assembléia. Os palestrantes, muito poucos nos trabalhos da UISG deram aos participantes o esclarecimento necessário para a renovação pedida. Eis aqui algumas idéias-forças do Vaticano II concernente à vida religiosa.

Os temas estudados foram: a revisão das Constituições, o governo, a vida de oração, a pobreza, a vida comunitária, a formação, a inserção da vida religiosa na Igreja e no mundo.

Sobre este último tema, podemos ler no boletim da UISG que relata esta Assembléia geral: “*A importância desta questão merece que citemos o estudo que fez a Reverenda Mère Suzanne Guillemain, Superiora geral das Filhas da Caridade*”.

Numa primeira parte, Mère Guillemain trata amplamente sobre o espírito que deve guiar a busca de inserção, a doutrina, a pastoral, a renovação interior. Numa segunda parte, ela destaca os problemas encontrados na vida, fazendo referência às situações tradicionais e às novas formas de inserção.

A conferência foi densa, prática, visto a longa experiência de Mère Guillemain na observação do mundo que se transforma, das obras que não evoluem, dos obstáculos que se deslizam na sociedade, na Igreja mas ela continua sua meditação. Ela teve a ocasião de falar disto aos Bispos durante o Concílio, ela foi chamada a esclarecer seu pensamento por ocasião do estudo do documento *Ecclesiae Sanctae*. Um ano depois de sua morte, o boletim da UISG do 1º trimestre de 1969, para ressaltar a necessidade da renovação, cita esta conferência e comenta: “*O aspecto imperativo de adaptação de nossos Institutos e de sua inserção no contexto atual e, ao mesmo tempo, a necessidade de realizá-la no Espírito Santo foram sublinhados por ocasião da primeira Assembléia geral do UISG pela saudosa Mère Guillemain da qual não terminamos de recolher a herança espiritual*”.

Como dizia Mère Guillemain em seu texto: “*A inserção da vida religiosa na Igreja, depois em seu nome, no mundo, não é outra coisa senão a realização viva da obra conciliar em seu objetivo pastoral... Toda tentativa de inserção que enfrentar reformas ou novas estruturas fora de uma relação suficiente ao espírito que deve animá-las, será antecipadamente levado ao fracasso ou às longas hesitações e às falsas manobras até que esta se coloque na dependência do Espírito...*”¹

A VOZ DA IGREJA DURANTE A ASSEMBLÉIA

O próprio Papa Paulo VI interveio; o discurso foi qualificado como um dos mais elevados que já pronunciara sobre a vida religiosa feminina considerando-a naquilo que lhe é essencial: “O sentido religioso de nossa vida consagrada”.

Pertenceu ao Cardeal Antonutti, Prefeito da Sagrada Congregação dos Religiosos, dar as últimas orientações com autoridade. A primeira parte afirma a imperiosa necessidade da existência desta União Internacional das Superiores gerais. A segunda parte põe em evidência as principais fontes da renovação religiosa: o Evangelho, a fidelidade aos Fundadores, o Espírito eclesial. A prioridade aos valores espirituais foi recordada vigorosamente: *“Cuidem para que os membros de seus Institutos sigam com fidelidade, convicção e entusiasmo, os ensinamentos límpidos do Concílio e desenvolvam uma consciência viva deste amor que os consagra a Deus...”*.

Este discurso magistral foi precedido por uma intervenção feita pelo Cardeal Prefeito da “Propagação da fé” dando uma volta bem significativa na metodologia missionária: *“as religiosas missionárias são missionárias no sentido estrito; elas devem inserir-se o mais estreitamente possível no pleno apostolado: é aí que sua vocação as situa e as solicita, é para a missão de evangelização e de implantação de novas Igrejas particulares que o Espírito Santo as escolheu, as separou...”*.

ELEIÇÕES

As eleições dos membros do Conselho geral deviam assegurar a presença internacional das Religiosas. Mère Guillemin será eleita Conselheira da UISG. Ela voltou para Paris, disposta a conduzir sua família espiritual à renovação pedida pela Igreja que lhe era familiar depois de anos.

2 - NA FRANÇA

No decorrer de diversos encontros com Padres, religiosas, leigos, Mère Guillemin intervém como auditora do Concílio. No seio das Uniões Nacionais de Religiosas, ela expressa mais particularmente as mutações necessárias da vida religiosa.

PARIS: NO CONGRESSO DA UNCAHS (União Nacional das Congregações de Ação Hospitalar e Social)

No dia 21 de junho de 1966, às religiosas reunidas em congresso, Mère Guillemin expõe, de maneira exemplar, suas **opiniões sob “A religiosa de ação hospitalar e social: orientações de futuro”**.

Ela faz a seguinte pergunta: *“Temos ainda uma missão a realizar neste mundo e na Igreja?”* Ela apresenta o mundo como ele é, a Igreja no novo contexto social e eclesial. A questão da perenidade da vida religiosa atemoriza tanto a mente das religiosas quanto a do clero e leigos.

Há realmente um futuro para as Religiosas de vida ativa? Os trabalhos do Concílio as ajudarão a responder esta questão. É preciso uma conversão de mentalidade, uma dinâmica de renovação, uma adaptação das estruturas e das formas: *“Entremos nos sentimentos de Cristo Jesus”*.

Por uma dinâmica de renovação:

Trata-se de ter o sentido do homem, o sentido social, o sentido da Igreja: *“Reaprofundar a doutrina própria da vida religiosa e sua relação com a Igreja a partir dos Atos conciliares é para o trabalho de renovação o que a raiz é para a árvore”*.

Adaptar as estruturas e as formas:

Com um longo desenvolvimento, Mère Guillemin não pára nas aparências externas: hábito, linguagem, comportamento porque se trata de algo mais profundo do que a necessidade de não chocar, mas de repensar as estruturas tradicionais, ter um novo olhar sobre as realidades

tradicionais, o ambiente de trabalho e as condições de vida. A vida comunitária deverá aceitar as exigências apostólicas, ela faz parte do testemunho religioso. As estruturas de autoridade, ponto importante da adaptação, foram apresentadas como uma força no livre exercício das responsabilidades confiadas hoje à maioria das Irmãs.

Em conclusão, Mère Guillemin menciona que *“numa época em plena mutação, parece que se espera de nós uma atitude de participação, de intercâmbio, de fidelidade ao que devemos ser no mundo e inteiramente a Deus, ao mesmo tempo”*.

ROUEN, A TODAS AS RELIGIOSAS DA DIOCESE

No dia 2 de julho de 1966, sob a presidência do Cardeal Martin, Mère Guillemin fala a todas as religiosas da Diocese sobre o tema: **“A religiosa depois do Concílio: como deve viver, como deve realizar seu trabalho”**. Ela cita o aprofundamento doutrinal, uma espiritualidade de ação, uma atenção particular ao mundo, o sentido missionário e uma dimensão corporativa da vida religiosa.

PARIS, 8º CONGRESSO DA UREP (União dos Religiosos Educadores Paroquiais)

Em 9 de novembro de 1966, Mère Guillemin se dirige aos religiosos educadores paroquiais reunidos em congresso. Ela lhes indica como **“Conduzir sua vida no espírito do Vaticano II”**, caminhando no sulco aberto pelo Concílio que foi *“um Concílio de verdade e de liberdade, ... um Concílio a escuta dos homens e do mundo... um Concílio com perspectivas universais”*.

CARCASSONNE, ÀS RELIGIOSAS DA DIOCESE

No dia 9 de setembro de 1967, Mère Guillemin intervém junto às religiosas da diocese de Carcassonne. Ela apresenta o tema: **“Missionária... a religiosa hoje”**.

Ela desenvolve os seguintes pontos:

- Nossa missão se situa na Igreja e em continuação da missão de Cristo.
- A missão exige uma grande sinceridade de “Encarnação”: um conhecimento profundo e vivo do povo no qual nos situamos, um estilo de vida tão próximo quanto possível daquele das pessoas
- A missão precisa de religiosas
- A missão reúne o povo de Deus a serviço das missões.

A conferência de Carcassonne foi reproduzida e impressa no boletim “Omnis Terra” de abril de 1969 e reproduzida no Osservatore Romano, edição francesa de 25 de abril a 2 de maio do mesmo ano.

O Capelão das religiosas do Canadá imprimiu o texto numa compilação pequena, bem apresentado, fazendo notar que “os trechos de uma das últimas conferências de Mère Guillemin parecem-me merecer serem publicados em brochura. Em poucas palavras, as maiores perspectivas, doutrinárias e práticas da renovação são recolhidas e propostas de uma maneira exímia. Possa a mensagem brilhante de Mère Guillemin ajudar as religiosas a prosseguir, na fidelidade ao Magistério da Igreja, o imenso trabalho de renovação já em construção. É com este propósito que este texto breve, denso e concreto, é colocado entre suas mãos”. Assinado Marc-André Paulin, Capelão.

A SERVIÇO DA IGREJA UNIVERSAL

A Comissão Justiça e Paz

Entre os incalculáveis tesouros acumulados nos Atos conciliares, Mère Guillemin escolheu explorar uma curta passagem do artigo 2 do decreto *Perfectae Caritatis* referente a **justiça social**: “*Promovam os Institutos nos seus membros o conveniente conhecimento das circunstâncias dos tempos e dos homens bem como das necessidades da Igreja; de maneira que, sabendo julgar sabiamente das situações do mundo dos nossos dias à luz da fé, e ardendo de zelo apostólico, possam mais eficazmente ir ao encontro dos homens*”.

“*Estas linhas são de grande importância para a renovação exterior e interior de nossa Companhia: devemos pouco a pouco expor todas as perspectivas. Começamos por algumas reflexões sobre pontos de justiça social que condicionam estreitamente nossas relações com aqueles que nos cercam. O assunto tão vasto que é impossível refletir cada ponto destacado...Filhas da Caridade, é preciso estarmos bem atentas à evolução das noções conjugadas de caridade e de justiça, na Igreja e no mundo a fim de orientar nossa conduta*”. Este artigo de Mère Guillemin é publicado no eco da Casa-Mãe de junho de 1966 com o título: “*Alguns aspectos da justiça social*”.

No dia 1º de março de 1967, o Diretor geral, Padre Jamet, anuncia a criação da **Comissão Justiça e Paz**; 8 dias mais tarde, Mère Guillemin é designada pelo Papa Paulo VI para ser **Consultora** desta. A encíclica *Populorum Progressio* de Paulo VI, da qual um jornalista sublinha a audácia do Papa: “*ele ousou dizê-lo*” não pára nas considerações, ela desce até às precisões incomuns. A Comissão Justiça e Paz é encarregada da aplicação dos princípios colocados na encíclica. O Cardeal Roy, Arcebispo de Quebec, é presidente da Comissão que compreende 13 membros dos quais 10 são leigos, peritos em matéria de desenvolvimento e de organizações internacionais. A Comissão compreende, além destes, 13 Consultores dentre os quais 4 Bispos, uma religiosa: Mère Guillemin, 4 leigos e 4 sacerdotes.

Ela assistirá desde o mês de abril a primeira Sessão e, em outubro, a segunda no Palácio São Calisto em Roma. Ao término da Sessão, foram estabelecidas 6 Comitês para permitir à Comissão realizar o seu programa de uma maneira contínua.

A Comissão, dirá Paulo VI, não tem outra função a não ser a de manter os olhos da Igreja abertos, seu coração sensível e sua mão pronta para a obra de caridade que ela é chamada a dar ao mundo de maneira a promover o progresso dos povos mais pobres e a favorecer a justiça social entre as nações.

Para Mère Guillemin, isto entrava plenamente na vocação da Filha da Caridade e ela se dedica inteiramente a esta.

Último trabalho de Mère Guillemin

Um conjunto de normas canônicas orientou a vida religiosa através dos séculos. O Concílio Vaticano II deixou sua marca. Ninguém duvida de que a renovação da vida religiosa não se efetuariam sem a revisão das regras canônicas referentes a organização da vida religiosa.

Como a formação depende, sobretudo, de seus membros, eles foram interrogados. Desejos chegaram à Sagrada Congregação dos Religiosos e dos Institutos Seculares. Depois de reflexões amadurecidas sobre as proposições que lhe foram feitas referentes às diversas etapas da formação, ela julgou oportuno prolongar a investigação.

Mère Guillemin aparece entre as 5 religiosas chamadas a trabalhar como “Consultoras”. Foi seu último trabalho. No dia 10 de março de 1968, ela entregou “sua cópia” em Roma sobre alguns pontos referentes “A formação dos jovens religiosos”. As respostas foram estabelecidas em quatro documentos. Não cabe a nós revelar o conteúdo; Mère Guillemin, de acordo com seu costume, é firme, mas ativa.

Lendo *Renovationis Causam*, reconhece-se facilmente as novas expressões da formação: se os dons são diversos, que cada um permaneça firme na vocação à qual foi chamado.

Foi em 6 de janeiro de 1969 que as novas normas formuladas a título de experimentação entrou em vigor.

Mère Guillemin encontrou-se com seu Senhor no dia 28 de março de 1968: “*Sim, meu Deus, eu vos amo de todo o meu ser*”.

Irmã Claire HERRMANN,
Serviço dos Arquivos

ANEXO

A INSERÇÃO DA VIDA RELIGIOSA

NA IGREJA E NO MUNDO

A importância desta questão merece que nós mencionemos o estudo feito por R. Mère Suzanne Guillemin, Superiora geral das Filhas da Caridade.

Introdução

A inserção da vida religiosa na Igreja, depois, em seu nome no mundo, não é outra senão a realização viva da obra conciliar, em sua finalidade pastoral.

O esforço de renovação da Vida religiosa *se situa no esforço* da Igreja buscar realizar-se “tal como Cristo a viveu, a quis e a amou” (Eccl. Suam – II) a fim de ser “como o fermento e, por assim dizer, a alma da sociedade humana chamada a ser renovada em Cristo e transformada em família de Deus” (Gaudium e Spes - 40).

Membro da Igreja, cada uma de nossas famílias religiosas se reconhece responsável, em seu lugar, de contribuir à *unidade da Igreja*, e de assegurar “*sua caminhada com toda a humanidade, partilhando o destino terrestre do mundo*”. (Gaudium e Spes - 40). Eis aí situados nossos dois problemas de inserção; sua capacidade ultrapassa muito o domínio restrito de uma Congregação, qualquer que seja; nós tocamos na missão própria da Igreja.

É o problema da entrada em contato, em diálogo com o mundo que suscitou Vaticano II; e agora, todo membro da Igreja, indivíduo ou instituição, deve tentar imbuir-se do espírito do Concílio e trabalhar na realização da obra conciliar em sua vida.

As duas partes desta exposição tratarão, pois:

- Do espírito que deve guiar a busca de inserção
- Dos problemas que encontramos na vida.

Peço desculpas antecipadamente pela rapidez enfadonha e enumerativa que vai conduzir esta comunicação por causa do tempo muito limitado do qual eu disponho; esperamos que ganhe em precisão o que ela perderá em calor.

ESPÍRITO

É necessário partir do espírito.

Toda tentativa de inserção que enfrentar reformas ou novas estruturas fora de uma relação satisfatória ao espírito que deve animá-las, será antecipadamente levado ao fracasso ou às longas hesitações e às falsas manobras até que esta se coloque na dependência do Espírito. Na prática, todos os métodos demonstram ser insuficientes, e todas as organizações falhas em algum ponto;

só, um espírito unido a Deus por uma vida teologal preponderante, iluminado por fortes convicções e um coração profundamente convertido ao Evangelho podem enfrentar, em todas as circunstâncias, às exigências da vida.

O espírito que deve animar nossa busca de inserção não é outro senão aquele ao qual chamamos “espírito do Concílio. Espírito compreendendo princípios de doutrina e outros de pastoral; espírito capaz de gerar esta forte adesão do coração sem a qual não há verdadeira conversão interior.

Doutrina

Todo ensinamento conciliar nos interessa, e não podemos isolar os Atos conciliares uns dos outros; existe, portanto, alguns pontos-chave que abrem as avenidas principais da renovação em vista de uma inserção autêntica na Igreja e no mundo:

- É primeiro *a forte doutrina da vida religiosa* do capítulo VI de Lumen Gentium
- Em seguida, a do apostolado dos Leigos que nós encontramos, seja no Lumen Gentium ou no Decreto “Apostolicam actuositatem”.
- Em fim, a doutrina fortemente colocada em evidência na Constituição Gaudium e Spes, *das relações da Igreja e do mundo*.

Não insisto na doutrina da vida religiosa que nos apresentou tão admiravelmente o R. Padre Anastase do Santo Rosário: “dom divino”, “sinal”, “para servir a missão da Igreja”. Retenhamos, sobretudo, que ela “pertence inseparavelmente a sua vida e a sua santidade”.

Tínhamos necessidade desta palavra para apoiar nossas convicções, face à opinião social: *a vida religiosa é necessária à Igreja*. Isto supõe necessariamente que em meio às mais audaciosas adaptações, a vida religiosa permanece ela mesma, intrinsecamente. Não é primeiramente a título de qualquer atividade que a vida religiosa é necessária à Igreja e que ela tem algo a dizer ao mundo, é como vida religiosa.

O sentido da incorporação profunda de nossos Institutos religiosos à Igreja, dadas a ela pelo Senhor, em vista de sua missão, inseparáveis de sua vida, é uma das convicções de base capazes de assegurar o equilíbrio de nossas buscas.

É a convicção forte e iluminada de nossa vocação na Igreja que nos permite abordar com serenidade o segundo ponto-chave: *a promoção dos Leigos ao apostolado*. É necessário notar com pesar que, frequentemente, esta promoção pareceu a nós, Religiosas, como uma apropriação de nossos domínios de ação habituais; e que também, frequentemente, ela se opôs a nós por militantes e alguns membros do clero, como se a ascensão dos Leigos tornasse inútil a presença das Religiosas.

Vaticano II pôs em evidência uma doutrina do Laicato, com seu lugar e suas responsabilidades próprias na Igreja. Não podemos descobrir a nota justa de nossa inserção se não estivermos totalmente convictos do papel e do legítimo lugar dos Leigos no apostolado.

Gaudium e Spes, embora tenha por título Constituição pastoral, não é nada mais do que *uma verdadeira doutrina das relações da Igreja e do mundo*.

A Igreja se declara “solidária do gênero humano”. Define de maneira impressionante o seu modo de presença da seguinte maneira; “A Igreja faz caminho com a humanidade e partilha o destino terrestre do mundo; ela é como o fermento e, por assim dizer, a alma da sociedade humana chamada a ser renovada (em Cristo) e transformada em família de Deus” (G. e E. 40).

Solidariedade – serviço – partilha – presença íntima e animadora. Sem dúvida, não devemos aplicar estes princípios do mesmo modo que os Leigos; mas estes determinam, entretanto, as características de nossa presença no mundo; para ser-lhes fiéis, será necessário às vezes, renunciar antigos costumes.

Pastoral

As intenções pastorais do Concílio procedem de sua vida tanto quanto dos textos, da sinceridade viva na qual se baseou suas reuniões, da abertura de coração e de espírito que fez

convidar os Observadores e Auditores. Ele inaugurou uma Pastoral da Verdade, da Caridade, da Unidade.

Renovação interior

Nossas relações, pessoais ou estruturais, dentro ou fora da Congregação não encontrarão suas formas adequadas e sua medida exata se não tiverem estabelecido nas mentes um firme equilíbrio entre duas convicções fundamentais:

- Fé na missão específica da Religiosa
- Fé na missão própria do Laicato

Chamados, cada um de acordo com sua vocação, a caminhar com a humanidade.

Uma verdadeira conversão do coração e do espírito é a alma da renovação. Antes de qualquer decisão prática, incumbe-nos, a nós Superiores gerais, evangelizar nossos Institutos, fazer pairar sobre eles o sôpro da caridade, da verdade, da busca de unidade que marcou o Concílio; de ensinar a doutrina do Concílio; mobilizar todas as forças espirituais da Congregação, forças de oração, de pensamento, de vontade. Um Instituto que tenha mobilizado assim suas forças espirituais já está virtualmente renovado.

PROBLEMAS DA VIDA

Entrando no aspecto prático, encontramos aí três tipos de inserção:

- em nossas situações tradicionais
- inventando novas formas de inserção
- penetrando as estruturas.

Em nossas situações tradicionais:

Antes de buscar novos modos de inserção sob pretexto da necessidade de contatos apostólicos, importa em primeiro lugar, examinar nossas posições tradicionais e as possibilidades apostólicas que elas nos oferecem. Talvez não seja a instituição ou o posto que devem ser colocados em questão, mas a maneira como nós a assumimos sem levar em conta as transformações ocorridas ou a introduzir. Condições de vida e pensamento estão em plena evolução; citemos, *na sociedade*:

- *A grande diversidade do quadro-horário da vida*, de acordo com os países e, nos próprios países, de acordo com as regiões. Isto chama uma possibilidade de flexibilidade no âmbito da vida comunitária, e uma liberdade de apreciação e de decisão ao nível local, ou pelo menos provincial.

- *A proliferação das comunicações sociais*. A população que nos cerca vive o universal, vibra com todos os acontecimentos do mundo. Uma comunidade religiosa desligada desta corrente que faz vibrar os corações e as mentes, estará distante e mesmo moralmente ausente da comunidade humana circunvizinha, embora esteja fisicamente presente. Daí, o uso razoável dos meios de comunicação de massa.

- *A promoção da mulher* atinge profundamente a pessoa e a vida religiosa. Tanto que a lei e os costumes colocaram a mulher num estado de dependência infantil, a situação de sujeição da religiosa que (é preciso não confundir com a obediência religiosa) não foi taxada de infantil. Num mundo onde a mulher alcança a maioria legal, cívica, profissional, a Religiosa não pode mais pensar em inserir-se se sua obediência não se exerce num contexto de responsabilidades e de iniciativas pessoais, se ela não puder exercer em plenitude as tarefas profissionais que detém. Problema de formação à autoridade e à obediência.

- *O assumir da responsabilidade pelo Estado das necessidades em todos os aspectos*, e a transformação dos atos de caridade em profissão. Num mundo tecnológico e organizado, a competência e a qualificação são como bases humanas mais necessárias da ação apostólica; dobrar-se às exigências legais, administrativas, técnicas da profissão, é um ato de justiça

elementar. Não há caridade sem justiça; é fácil ver as repercussões sobre as permissões a dar, sobre as mudanças a efetuar. A qualidade da Religiosa não pode mais ou cada vez menos, justificar um estatuto privilegiado no exercício de uma profissão; caso contrário, a presença da Religiosa será considerada como injusta aos leigos profissionais e o testemunho religioso não será reconhecido.

- *A socialização* que é a multiplicação das relações organizadas em todos os domínios, e a invasão do legal e do administrativo. Toda Religiosa está no centro de uma rede de relações que ela deve assumir pessoalmente; isto requer preparação a uma vida em parceria com Leigos onde ela se inscreverá, sem nenhum privilégio de estado religioso, em seu lugar regulamentar, para trabalhar em harmonia com “seus colegas”. Isto não deixa de influenciar a noção que nós nos fazemos da vida comunitária e da “separação do mundo”.

É preciso revisar à esta luz nossos métodos de formação, visando criar em cada uma de nós, estruturas interiores sólidas, ao invés de considerar medidas protetoras; isto conduz à questão da separação estrita que causou problemas em nossos Noviciados.

A necessidade de especialistas junto aos Conselhos Gerais e Provinciais sai igualmente da complexidade dos problemas trazidos por uma tecnologia e uma socialização invasoras.

Se queremos ser aceitas e lealmente inseridas no meio leigo contemporâneo, é necessário que o espírito de verdade, de caridade e de unidade invocado comece a guiar todos os nossos atos e transforme pouco a pouco as situações, ainda hoje, intoleráveis aos olhos de nossos contemporâneos.

Na Igreja, encontramos algumas evoluções semelhantes àquelas que agitam o mundo, e dentre estas várias influenciam consideravelmente nossa função na Igreja:

- *A reforma litúrgica*. Importância acrescida dada à Palavra de Deus, vontade de constituir comunidades cristãs unidas na oração, adaptação da liturgia à mentalidade das pessoas de cada país.

Entrar neste movimento de unidade em Igreja e de adaptação pastoral aos lugares, é bem o primeiro procedimento de inserção que todo Instituto deve realizar.

- *O apostolado dos Leigos*. É um dos pontos mais delicados. Reconhecer efetivamente os Leigos como “responsáveis” em matéria de apostolado, isto implica introduzi-los pela mesma razão que as Religiosas nos órgãos de direção, de escutá-los, reconhecer seu direito de voto e de iniciativa.

Toda ação conduzida por uma Congregação religiosa sempre se inscreve numa função de Leigos; obrigações educacionais, sociais, etc são funções de Leigos, e nós aí trabalhamos a título da inserção “oferecendo ao gênero humano a colaboração sincera da Igreja” (Gaudium e Spes, III-2). Mudança de ótica, que sempre levará a uma mudança de organização.

- *O desenvolvimento de uma pastoral de conjunto*, que deve ajustar nossas relações com a Igreja, nossa inserção em suas organizações. A entrada nos planos diocesanos de pastoral, nos planos nacionais (carteiras escolares, reagrupamentos diversos), é mais do que desejável, é um dever estrito. O esforço de união que se estende até ao universal com os apelos missionários, deve ser o objeto de estudo cujas Congregações religiosas não podem estar ausentes. É necessário sair de um certo protecionismo de Congregação para pensar em “Igreja”, ação concertada na Igreja.

Inventando novas formas de inserção:

É a maior esperança e a maior tentação. Trata-se da vida ou da morte de nossos Institutos, seja por abstenção pusilânime, seja por audácia imprudente.

Uma expectativa se instala na Igreja neste assunto. Isto é explorado por certas mentes sinceras, mas pouco esclarecidas, que subestimando a mensagem particular da vida religiosa, tentam encontrar-lhe pistas de reconversão que, à experiência, se mostram mal traçadas e gravemente confundidas com aquelas dos Leigos. Para que se justifique sua presença, a vida

religiosa deve permanecer ela mesma; no entanto, é verdade que o Senhor espera de nós, além de uma evolução interior de nossas antigas situações, um esforço criador.

Em matéria de governo, a prudência consiste, frequentemente, em saber arriscar-se. A orientação geral é sempre uma busca de pobreza e de proximidade às pessoas por uma maneira de viver mais parecida, à sua, à imitação de Cristo cuja verdade da encarnação nos surpreende e confunde. As formas variam muito: Religiosas em situação separada num cargo de serviço público, Religiosas operárias, etc.

O Espírito Santo não fixa critérios às suas inspirações; no entanto, há alguns princípios de simples bom senso que Ele não negaria:

- uma experiência deve responder a uma real necessidade da Igreja, - deve situar-se na linha da vocação específica do Instituto,

- quanto mais uma experiência é ousada, mais é necessário colocar nela apenas as religiosas que já tenham uma maturidade humana e religiosa,

- a “voz do povo”, a de um grande número de Irmãs da base, sempre expressa a ação do Espírito Santo,

- toda experiência de situação nova exige uma preparação “em Igreja”.

De qualquer maneira, é indispensável que a situação onde as Irmãs se encontram engajadas deixe transparecer os valores da consagração e da vida comunitária. O testemunho próprio à vida religiosa compreende um testemunho exterior.

Inserção nas estruturas:

Ao término do Concílio, a Igreja intensifica seu esforço de organização. Jean Guitton dizia: *“Os Bispos chegaram ao Concílio como Bispos; eles voltaram deste constituídos em “Episcopado””*.

“Os Leigos abordaram o Concílio como Leigos, agora eles formam o “Laicato” na Igreja.

Um fato semelhante acontece para a vida religiosa, concretizado pela constituição de nossa União: *uma dimensão corporativa da Vida religiosa se delineia*. Só ela pode nos permitir entrar em relações estruturais dentro da Igreja e na sociedade.

A vida religiosa está presente em todos os pontos sensíveis das necessidades humanas, lá onde se cristaliza a atenção universal, mas de uma maneira fracionada, desorganizada, não se apresentando com um caráter de unidade suficiente que possa anunciar e representar a Igreja nas estruturas sociais.

A Vida religiosa possui agora as estruturas que lhe permitem pôr, de um modo coerente, suas forças a serviço da Igreja e da sociedade. Mais ou menos avançada de acordo com os países e a idade das Uniões de Religiosas, o trabalho de unidade (eu não digo de unificação) deve ser o assunto de uma busca constante.

Isto supõe que estas Uniões de Religiosas tenham sua vida própria e autônoma, independentemente (embora em colaboração estreita) de outras organizações como as Uniões de Superiores religiosos, as Cáritas, etc.

Isto acarreta novas exigências: *formação de Religiosas* em vista das funções de animação, de representação, de busca no seio destas Uniões. *Dever de liberar algumas destas para estas funções, verdadeiro* serviço de Igreja.

As Uniões de Superiores Maiores devem se preocupar, nos diferentes países, de assegurar a presença das Religiosas nas diversas organizações da Igreja ou da sociedade, *com mandato de representar a Vida religiosa*. Na atribuição de tais mandatos, é preciso dar a maior atenção para que sejam respeitadas, ao mesmo tempo, a autoridade da Congregação sobre o assunto e a competência da União dos Superiores Maiores quanto à delegação concernente a algum ponto de interesse geral para a Vida religiosa.

No plano da Sociedade:

A presença das Religiosas no seio das organizações profissionais e administrativas de um país é de maior importância: Conselhos ministeriais para as questões de ajuda social, para os

Hospitais, etc. Comitês de organização da profissão; Comitês de elaboração de programas pedagógicos, etc.

Eu não falarei dos vínculos que se estabelecem num nível internacional, visto que nossa querida Mãe Secretária nos falou destes na sessão de abertura. É preciso, no entanto, assinalar a questão da adesão ao CICIAMS (1) para as Religiosas Enfermeiras, único organismo católico que permite a presença na OMS (2). As Religiosas estão também individualmente presentes na UCISS (3).

No plano da Igreja:

O Decreto sobre a responsabilidade pastoral dos Bispos sublinha que “no conjunto das dioceses ou nos setores particulares, será estabelecido sob a direção do Bispo uma estreita e profunda coordenação de todas as obras do apostolado, graças a isto todas as iniciativas e instituições... serão levadas a uma ação condizente. Assim será mais claramente manifestada a unidade da diocese”. (Cristo. Dom. 17).

Nosso esforço de inserção na pastoral é nossa resposta à vontade de unidade que a Igreja sempre manifestou.

Este se situa em todos os níveis onde a Igreja se organiza: paroquial, diocesano, nacional, universal.

Admitida teoricamente por todos, a inserção da Vida religiosa só se efetua lentamente; é preciso conquistar estes pontos gradativamente. É em geral a nível paroquial que as coisas são mais avançadas; em número de Comitês paroquiais de pastoral, as Religiosas estão organicamente inseridas.

No plano não-geográfico dos Movimentos de Ação Católica respectivamente, uma clara melhoria das relações é criada; não é mais raro que as Religiosas sejam chamadas para reuniões, para grupos de trabalho, em Comitês de coordenação, a título de representantes da Vida religiosa.

A organização das relações “Episcopado – Vida religiosa feminina” constitui evidentemente o ponto mais delicado e o mais importante da inserção das Religiosas na Igreja de um país. Em todos os lugares estuda-se os meios para realizá-la, e estes são diferentes segundo as circunstâncias particulares em cada país.

Os trabalhos podem ser organizados simultaneamente em vários planos; um ao nível da Conferência Episcopal e da União dos Superiores Maiores, por intermédio de uma Comissão de Bispos em ligação com o Comitê da União. Outro, em torno de problemas particulares, através da convocação de uma Religiosa designada pela União para participar dos trabalhos de uma Comissão especializada da Conferência Episcopal (ação social, educação, missões, pastoral, etc.). Nos países onde a Conferência Episcopal estabeleceu regiões pastorais, parece necessário que as Uniões de Religiosas prevejam também uma estrutura permitindo o diálogo neste nível.

Um ponto importante das relações com o Episcopado de um país é sem dúvida alguma o chamado de Religiosas aos Sínodos diocesanos; várias Religiosas já foram designadas para esta difícil função. Não ousamos lançar nossos olhares para o Sínodo episcopal de 1968, ignorando se suas estruturas e seus objetivos supõem uma possível presença das Religiosas.

É preciso dizer que, depois do nascimento de nossa União, Sua Excelência Monsenhor Paulo Philippe não deixou de nos encorajar a expressar nosso desejo de estarmos presentes em todos lugares onde se tratem de questões referentes não só à Vida religiosa em si, mas em todos seus aspectos de ação que são numerosos, e até mesmo nos interesses gerais da Igreja. Várias vezes, foi falado da introdução de Religiosas nas Comissões que estudavam as questões canônicas, por exemplo.

Conclusão

Se fosse necessário traçar um quadro esquemático das perspectivas futuras, poderíamos fazê-lo da seguinte maneira, insistindo no fato de que estas perspectivas deveriam se matizar e se mostrar mais próximas de acordo com os diversos países.

A Vida religiosa feminina de forma ativa aborda uma nova era de sua existência caracterizada pela evolução de sua situação na Igreja e por uma transformação profunda de suas relações com o mundo.

- Assumindo outrora a quase totalidade das tarefas da sociedade e da Igreja em resposta às necessidades dos homens: instrução, educação, hospitalidade, cuidado, socorro à miséria... considerada como sua característica, ela se situa agora cada vez mais, como testemunha de Cristo, nas tarefas dos Leigos, nas instituições da Igreja e nos organismos civis que assumem as necessidades dos homens, ao único título da inserção.

- Outrora, cada Religiosa realizando em comunidade todos os atos de sua vida apostólica e protegida do mundo exterior por um conjunto de medidas de proteção é, doravante, engajada pessoalmente a um posto profissional pelo qual responde diante da lei, e trabalhando o dia todo, a maior parte do tempo, numa equipe composta de Leigos, de Padres e de Religiosas de outras Congregações.

- Uma vez dividida numa imensidão de ilhotas formadas pelos diversos Institutos; agora, sempre mais coerente e organizado para um melhor serviço da Igreja e da humanidade.

Este movimento de penetração do mundo, de proximidade às pessoas, de união na Igreja cuja velocidade aumenta continuamente, não acontece sem apresentar os perigos dos quais já constatamos os primeiros efeitos: perigos de assimilação total à vida leiga ao desprezo dos valores essenciais da vida religiosa; perigo de unificação das famílias religiosas que se fundamentam numa espécie de massa uniforme; de fato, perigo de enfraquecimento e, se Deus não velar, de desaparecimento sem mais nem menos, da Vida religiosa chegando a se diluir no Laicato. Na obra de inserção que empreendemos em continuidade do Concílio e, nas experiências que deveremos iniciá-las, é essencial lembrar-se que quanto mais se enfatiza a proximidade, mais deve se aprofundar e tornar “fervente a união a Cristo”, quanto mais se constitui a unidade da vida religiosa na Igreja universal, mais se deve perceber e confirmar a vocação específica de cada família religiosa.

Irmã Claire HERRMANN
Serviço dos Arquivos

Notas

- 1- Comitê Católico Internacional das Enfermeiras e Assistentes Médico-Sociais Internacionais
- 2 - Organização Mundial da Saúde
- 3 - União Católica Internacional de Serviço Social

Consultora da Congregação dos Religiosos

Nomeação oficial
Secretaria de Estado de sua Santidade

O Santo Padre inscreveu
entre os Consultores da Sagrada Congregação
para os Religiosos e os Institutos Seculares
Mère Suzanne Louise Guillemin
Superiora geral das Filhas da Caridade
de São Vicente de Paulo.

Isto foi levado ao conhecimento de Mère Guillemin para todos os fins úteis
e para a boa ordem.

Vaticano, 22 de fevereiro de 1968
Assinado: Cardeal Cicognani